

RAUL DE LEONI

LUZ MEDITERRANEA

2.^a EDIÇÃO



EDIÇÃO DO
ANNUARIO DO BRASIL
RIO DE JANEIRO



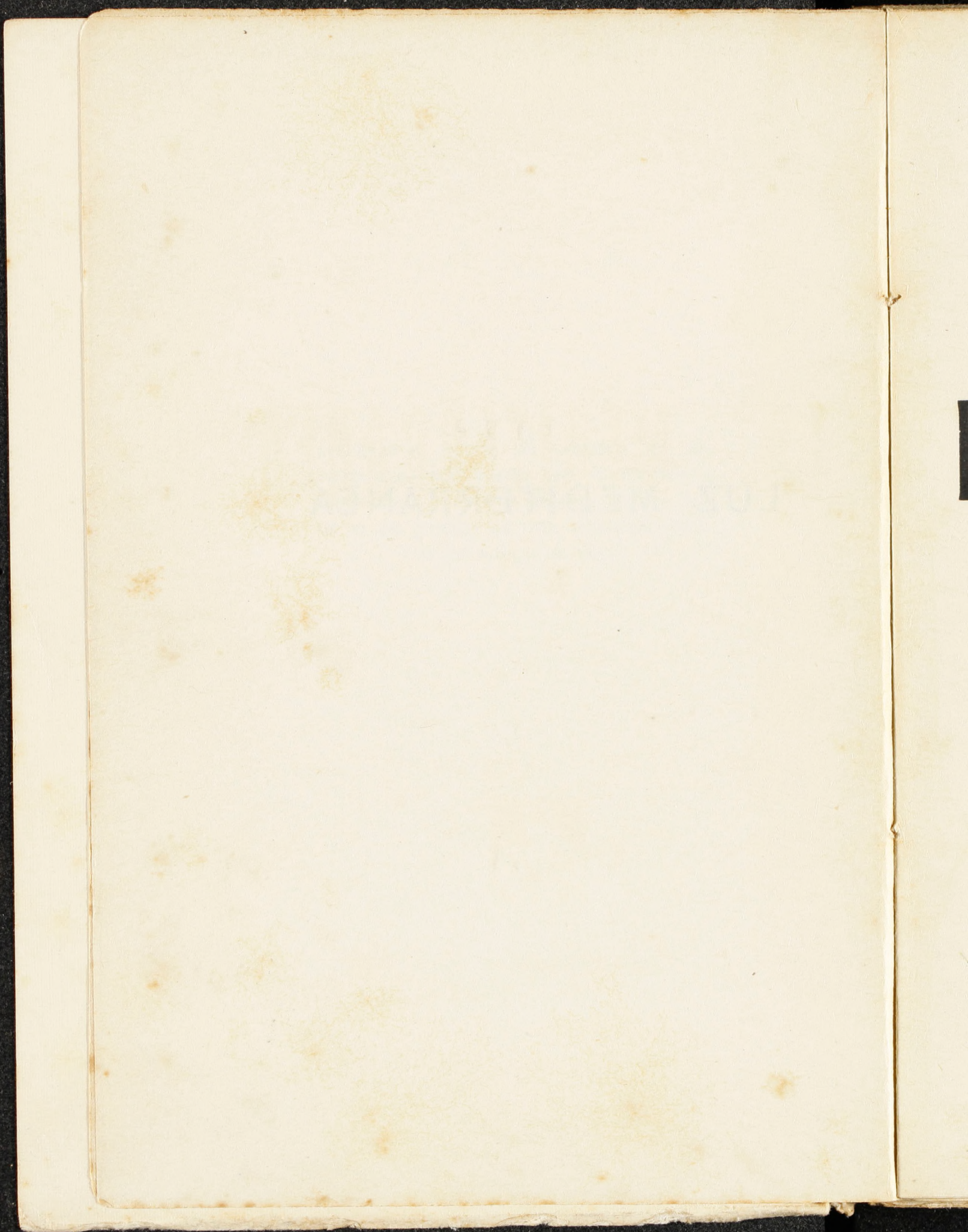
LIVRARIA LEALDADE
Alvaro S. A. Jorge & Cia.
R. Boa Vista, 92
S. PAULO

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS DE RE-
PRODUCCÃO NOS PAIZES QUE ADHERIRAM A
CONVENÇÃO DE BERNE: BRASIL: LEI N.º 2577
DE 17 DE JANEIRO DE 1912. PORTUGAL: DEC.
18 DE MARÇO DE 1911.

MARIO DE ANDRADE

$\overline{A}$	$\overline{\Pi}$
a	72

LUZ MEDITERRANEA



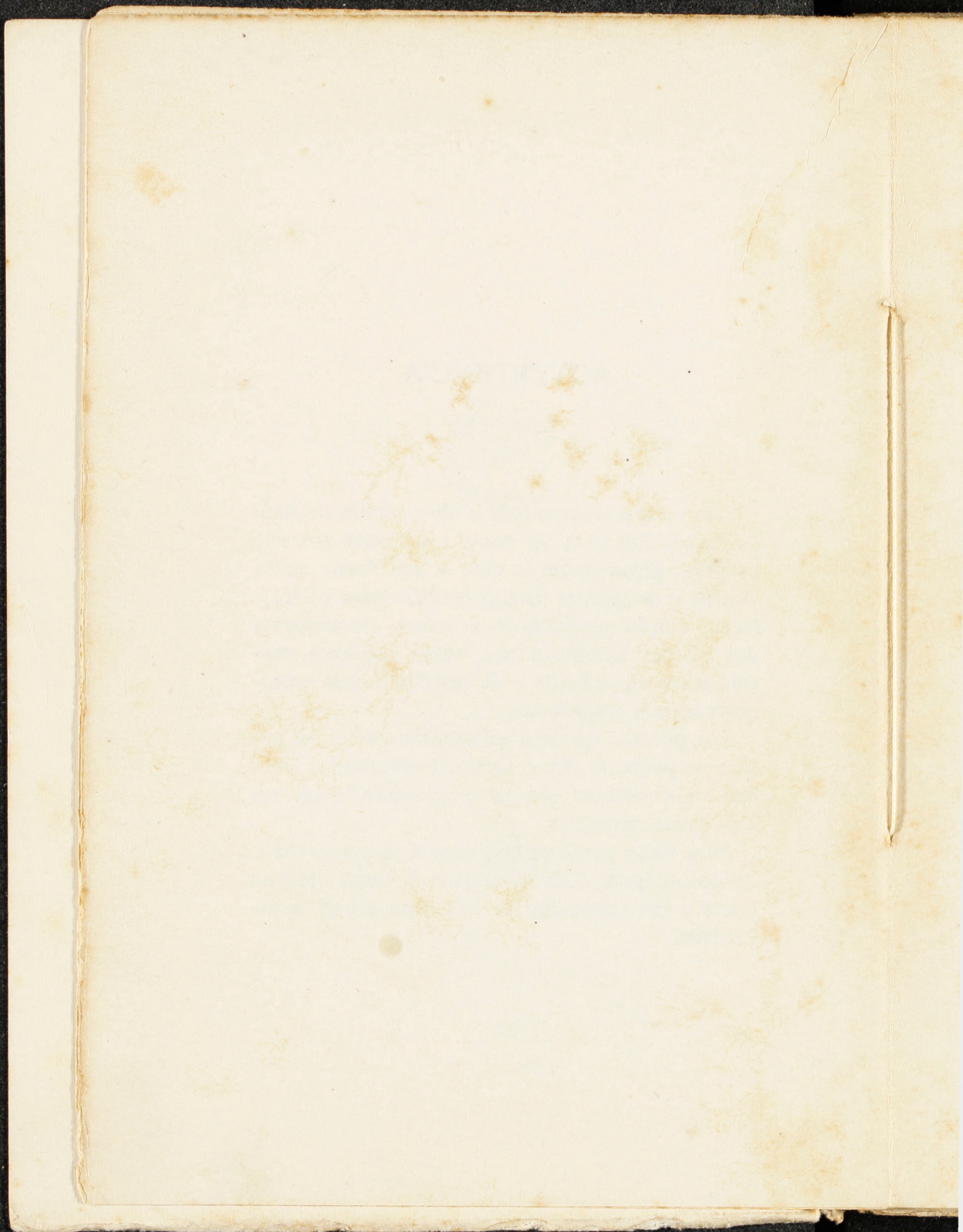
RAUL DE LEONI

LUZ MEDITERRANEA

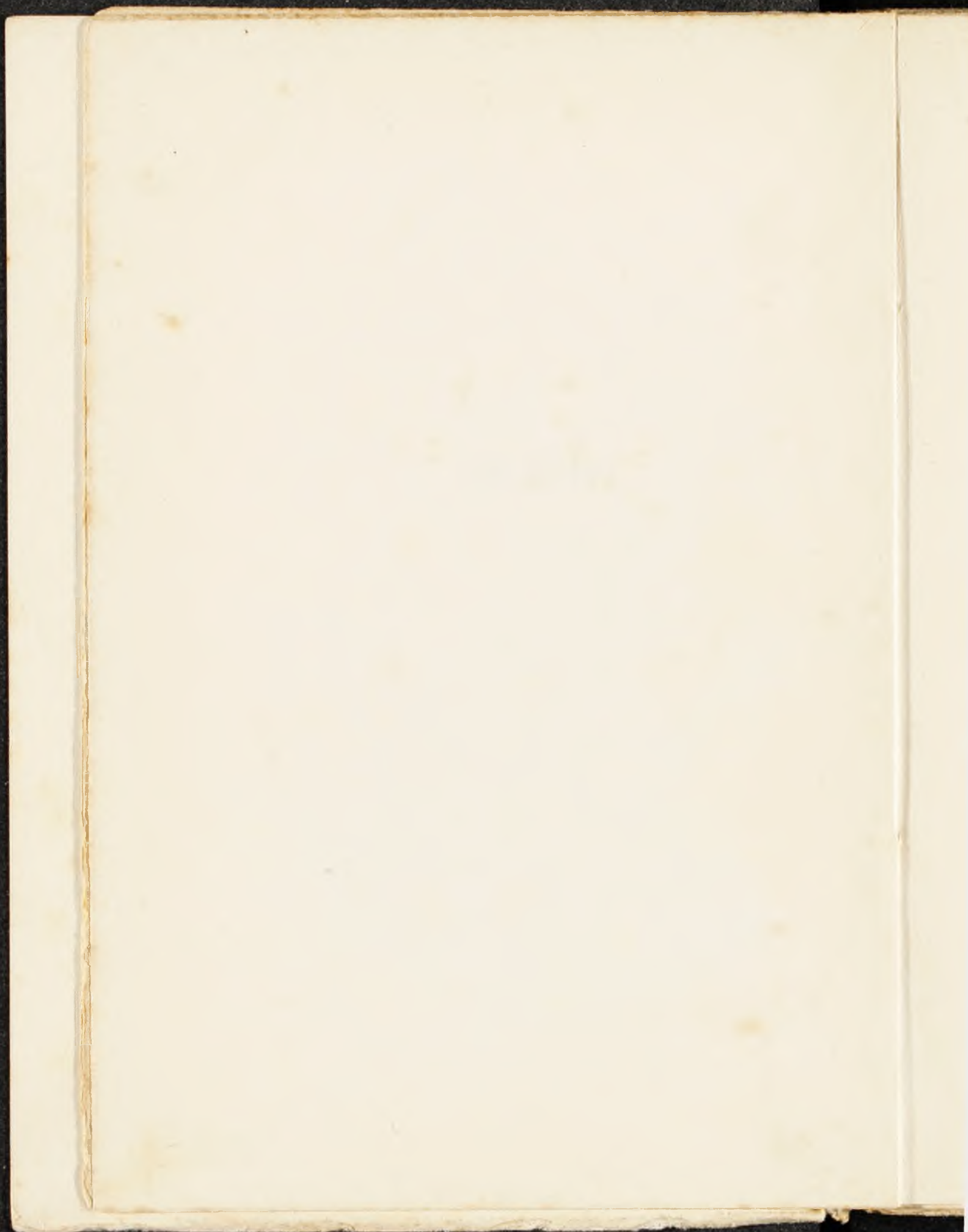


EDIÇÃO DO
ANNUARIO DO BRASIL
RIO DE JANEIRO

J622



PREFACIO



PREFACIO

Aquelles que mais de perto conheceram Raul de Leoni, sabiam o preço que elle dava á vida. Era natural que imaginassem no poeta da Luz Mediterranea uma attitude de violenta revolta em face da morte inevitavel.

Todavia, soube-se depois que tudo se passara ao contrario do que receavam os seus amigos.

Quando Raul de Leoni se compenetrou do fim proximo, adquiriu a mais profunda serenidade. Discorreu tranquillo sobre o que se passava, dictou methodicamente as suas ultimas diposições, e interrogado sobre o destino de sua obra literaria, concordou no alvitre de se lhe reeditar a Luz Mediterranea.

Expirou serenamente, na sua casa de Itaipava, aos 21 de novembro de 1926. Tinha 31 annos e deixava uma das obras mais consideraveis da nossa poesia, pela unidade de pensamento e pela formosura dos rythmos.

Embora afastado dos meios literarios, não lhe diminuíra nunca o prestigio, que era igual nas duas correntes oppostas em que ficou dividida a nossa poesia, — uma inflammada de espirito renovador, a outra docil aos velhos modelos da geração anterior. Raul de Leoni agradava aos primeiros pela independencia de sua obra, aos segundos pela formação classica de sua cultura.

Se havia entre nós um poeta de espirito classico, certo seria este, pelas proposições claras e concisas, pelas imagens puras e nitidas, pelo equilibrio formal dos seus poemas, tanto quanto pela rara capacidade para a expressão de idéas abstractas. E era admiravel o rigor logico com que nos seus versos se desenvolvia o pensamento, animado pelo jogo preciso das imagens.

Paul Valéry notou nos escriptores romanticos uma depressão nas qualidades abstractas do estylo e uma especie de renuncia extranha aos meios e potencialidades que a arte literaria póde tirar da operação do pensamento. Em Raul de Leoni não se observa aquella depressão nem aquella renuncia. Ao contrario: nunca sacrificou á belleza, ao pittoresco ou á raridade da expressão a geometria precisa das idéas.

*

*

*

“On n’imagine point de pensées ni de rêves que n’ait point suscités la Méditerranée. En tout, ses

riverains ont été les premiers toutes les fois qu'ils l'ont voulu. Je ne connais aucun métaphysicien de l'Allemagne qui soit supérieur à Saint Thomas, napolitain, et je préfère infiniment Plotin d'Alexandrie à Ruysbrock l'Admirable."

Essas palavras de Maurras poderiam servir de prefacio aos poemas da Luz Mediterranea.

*

* *

Ha uma poesia cerebral, cujo elemento emotivo decorre das reacções provocadas na intelligencia pelos contactos do mundo exterior. São os movimentos da consciencia, em si mesmos, que possuem propriedades de suggestão, independentemente de sua função pratica e interessada. É directamente no phenomeno da associação das idéas, cujo processo imprevisto tem uma grande intensidade dramatica, que reside o seu poder emotivo. Assim a poesia de Anthero do Quental.

Existe outra, porém, em que as propriedades de suggestão vêm das idéas, tomadas como entidades absolutas, como seres dotados de vida propria e autonoma, mais do que como simples movimentos ou operações do pensamento. Esta é a que se desprende dos poemas da Luz Mediterranea.

Bergson entende que a idéa é uma parada do pensamento; nasce quando este, em vez de seguir o seu caminho, faz uma pausa ou reflecte sobre si mesmo. Desse ponto de vista bergsoniano, o

que ha de real no pensamento são aquelles movimentos, mas não em si mesmos e sim sómente emquanto estejam ligados uns aos outros, constituindo um fluxo. Ao passo que a idéa em si é o mero schema de um daquelles movimentos, o graphico de uma operação que já se realizou.

Para Raul de Leoni, entretanto, as idéas representam seres vivos. Das aventuras de cada uma dellas, é que extrae a poesia, como os epicos a extrahiam dos episodios da carreira dos heroes. Elle foi entre nós, e o foi com singular grandeza, o unico poeta de emoção puramente philosophica.

*
* *
*

Mas o curioso é que, embora sendo assim o poeta das ideologias ou das abstracções, Raul de Leoni exalte o instincto, que lhe apparece

*“Mais sabio que o ascetismo de Pascal,
Mais bello do que o sonho de Platão.”*

Grande parte dos seus poemas glorificam realmente os sentidos e prégam a volta ao estado natural, de que os homens só se teriam afastado para perder-se na “selva impraticavel” dos ideaes metaphysicos.

Recommenda a obediencia á logica do instincto como o meio verdadeiro de encontrar a felicidade.

No emtanto, nisso ainda elle celebra uma “ideologia clara”, menos espontanea do que herdada

de Epicuro, atravez de uma longa linhagem de poetas e pensadores. Não é a experiencia propria que lhe indica aquelle caminho como o mais certo e seguro. Nem é tão pouco uma reacção directa contra os postulados da moral corrente que lhe inspira semelhantes conselhos. A vida de Raul de Leoni não teve a espereza da de um Robert Burns. Este possuia motivos amargos para dizer

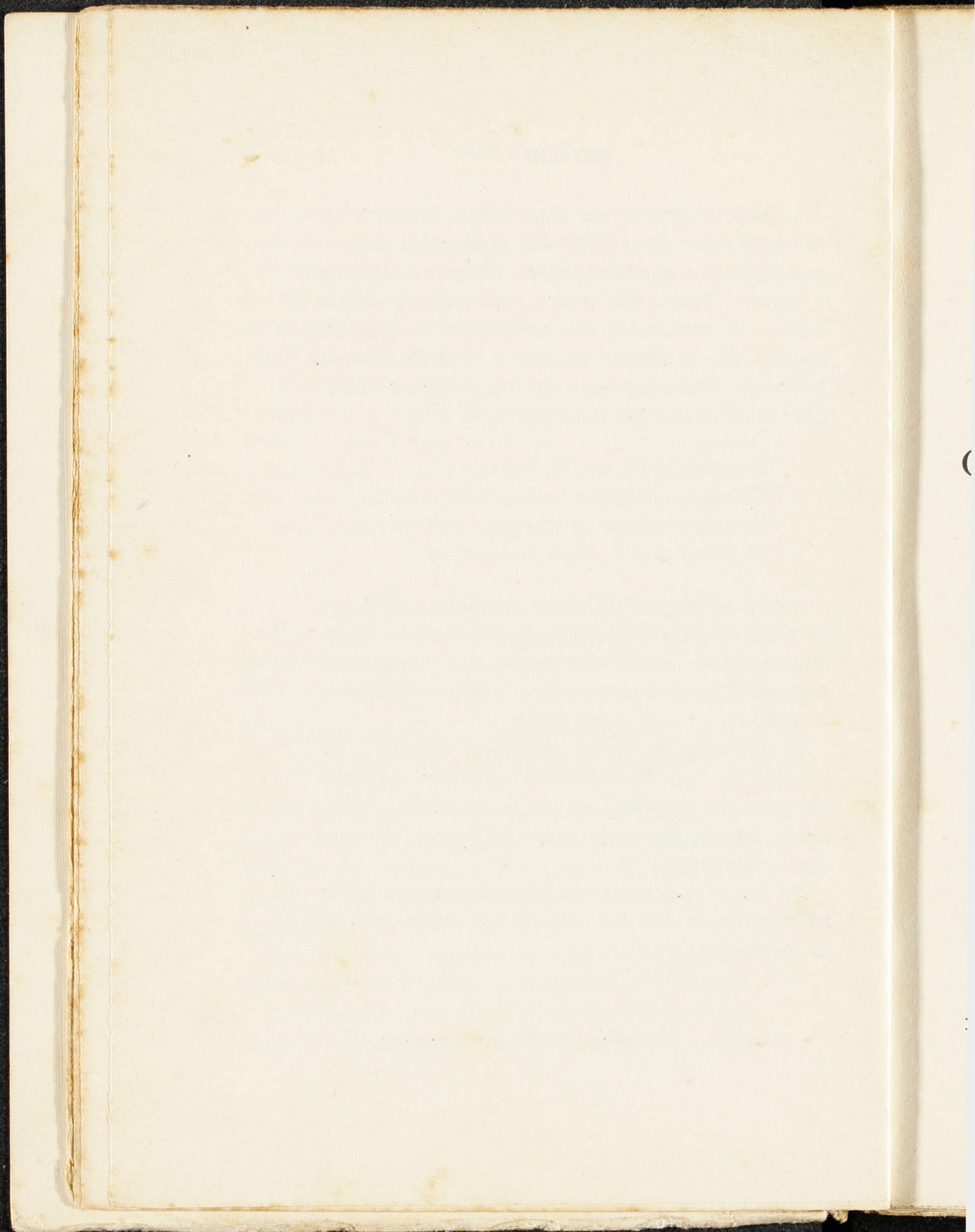
"Morality, thou deadly bane
 "Thy tens o'thousands thou hast slain!
 "Vain in his hope, whose stay and trus is
 "In moral mercy, truth and justice."

Mas a mensagem do poeta brasileiro está longe de traduzir uma imprecação pessoal contra qualquer doutrina moral "que matasse os homens aos milhares", como aquella contra a qual se levantou o canto do grande poeta inglez.

Glorificando a "pura sabedoria natural", os poemas da Luz Mediterranea celebram menos o instincto em si mesmo do que a ideologia do instincto, ou o systema que erigiu o instincto em verdade metaphysica.

No fundo, o homem só interessava a esse poeta na medida em que lhe apparecesse como creador de ideologias.

RODRIGO M. F. DE ANDRADE.



ODE A UM POETA MORTO

A memoria de Olavo Bilac.

S
C
T
C
U
E

C
L
E
F
M
C
E

T
M

ODE A UM POETA MORTO

Semeador de harmonia e de belleza
Que n'um glorioso tumulto repousas,
Tua alma foi um cantico diverso,
Cheio da eterna musica das cousas :
Uma voz superior da Natureza
E uma idéa sonora do Universo !

Onde passaste, ao longo das estradas,
Linhas de imagens rútilas e vivas,
Em filigrana,
Foram tecendo, como o olhar das fadas,
Nas mais nobres e bellas perspectivas,
O panorama dos ideaes da Terra
E a ondulante paisagem da alma humana.

Toda a emoção, que anda nas cousas, falla,
Nos seus diversos tons e reflexos e côres,

Pela tua palavra irisada de opala,
Feita de radiações e finas tessituras :
Desde a vida subtil da borboleta
À alma leve das aguas e das flôres
À exaltação do Sol e ao sonho das creaturas :
Toda a sensualidade esparsa do Planeta.

Freme em tua arte o sangue de Dionysos,
Diluido nas virtudes apollineas ;
E do seu seio voluptuoso chovem
Alvas fórmag pagãs, ardentes frisos,
Baixos relevos, camafeus, sanguineas,
N'uma palpação de carne jovem.

Desfolhando um esplendido destino,
A tua mão teve, por sentimento,
A subtileza platonica e a doçura
De um florentino do Renascimento,
Que, atormentado de impetos romanticos,
Trabalhasse em esmalte do Piemonte,
Contendo no cinzel lascivo e fino
O sonho capitoso de Anacreonte
E o lyrismo sensual do Cantico dos Canticos.

Vieste de longe para longe. A tua
Alma encarnou-se em outras entidades,

Em outros povos, tempos e países,
E, deslumbrante, continua,
Plastica, movel, irisada e nua,
A longa emigração pelas idades,
Deixando atraz de si seus fructos e raizes.

Foste o Homem de sempre, no prestigio
De poeta sensualista, atravessando as eras
Por toda parte encontro o teu vestigio :
Um dia, na India védica, sonhando
No limiar das eternas primaveras,
— As mãos cheias de rosas e amethystas —
Fazes oblatas lyricas e votos
Ao luar, sobre as montanhas, passo a passo,
E escreves os teus poemas animistas
Na folha dos nelumbos e dos lotus,
Na flôr somnambula dos nenuphares...
E os teus versos, nos quaes um grande sonho abranges,
Vão descendo a cantar na corrente do Ganges.

Depois, pastor na Argolida ou no Epiro,
Vivendo entre os rebanhos, em retiro,
Ao luar, sobre as montanhas, passo a passo
Vaes contando as estrellas pelo espaço,
E a sonata subtil da tua avena

Tem o sabor do favo das abelhas
E a melodia simples e serena
Da alma docil e errante das ovelhas.

Mais tarde, na Thessalia, entre as selvas e os rios,
Companheiro dos sátyros vadios,
Modulas o teu canto surpreendente,
E vaes buscar o som das tuas rimas
No intermezzo das fontes, ao nascente,
Na canção das aguas frescas,
Na orquestração nostálgica dos ventos,
No tropel dos centauros truculentos,
Nas gargalhadas faunescas,
Na purpura radiante das vindimas.

Mal doura o sol a folha das videiras
E ouves o ruído das primeiras frautas,
Saes a espreitar, horas e horas,
Sobre a areia de prata das ribeiras,
As oréadas trefegas e incautas,
De braços entrelaçados,
Urdindo a teia de ouro das auroras,
Na phantasmagoria dos bailados.

Reappareces, depois de vidas tantas,
Com o mesmo coração sonoro e immenso,

(1) B
poe
vers
que
Le ero

Dentro das côrtes bíblicas e cantas,
Na harpa esguia e ritual, entre espiraes de incenso,
As victorias dos reis e as searas bemditas,
As lendas do Jordão e o olhar das moabitas.

Voltas ainda á Grecia, onde pertences
Ao povo e és o poeta da cidade.
Honras a velha raça dos rapsodos ;
A tua voz tem a sublimidade
Do perfume dos parques athenienses :
E é uma expressão da patria e o evangelho de todos. (1)

Trazes myrtos e pampanos na fronte ;
Entôas hymnos a Phebus
E bailas, com Anacreonte,
No arabesco da ronda dos ephēbos.

Depois, em Mitylene, és o unico homem
N'essa ilha extravagante das mulheres.
Lá os epithalamios que proferes,
Entre ruidos de crótalos e taças,
Sobem no ar e se consomem ;
Despertam novos desejos,
E consegues possuir para os teus beijos
A propria Sapho n'uma noite — e passas.

(1) O pre-conceito helenico ainda continua no poeta. A Biblia e os judeus ao' que dão os reis verros mediocres da estancia anterior. Notar que reis têm a associação bôtar a palavra de evangelho aqui na Grecia...

Vaes á Roma, no vertice do Imperio,
Onde a predilecção do cesar te conforta.
Dão-te em Tibur estancias e dominios;
Vaes a Capri na côrte de Tiberio;
Installas teu palacio no Aventino;
Tens eunuchos ethiopes á porta
E liteiras de estofo damasquino.
És a alma delirante dos triclinios;
Exhortas os circenses sobre vicios;
Cantas no banho azul das cortesãs cesareas;
És intimo nos thálamos patricios,
Onde os teus versos sacros e profanos
São guardados nas urnas legendarias,
Em custosos papyros africanos.

*Volta a
grecia*

Mais tarde, já na idade alexandrina,
De novo, a terra hellenica conquistas,
E, poeta ironico e brando,
No tom fresco e loução dos idyllistas,
Passas cantando
As canções que Theocrito te ensina.

Revejo-te, depois, indifferentemente,
Em Cordoba, em Bagdad, quasi em segredo,
No teu destino ideal de citharedo:

Cantor do kalifado, entre os thesouros
Do Islamismo e os mysterios do Oriente.
Dormes no harem real e vaes ás guerras.
Continuando de seres, entre os mouros,
O mesmo de outro tempo em outras terras.

Na Germania feudal encontras nas distancias,
Um bando de harmonias que communguem
Com o teu coração de poeta helleno.

ainda Grecia

Murmura-te no ouvido, em resonancias,
A legenda pagã dos «Niebelungen».
És todo o amor das castellãs do Rheno
E a tua voz de «minnesinger» se ergue
Ora vehemente e funda, ora em tremulos suaves:
Com «Tannhäuser» visita «Venusberg»
E canta nos castellos dos margraves.

Mais adeante,
Renasces na Florença azul da «Senhoria».
Florença eleva na canção dos sinos
A sua alma de Venus e Maria.
É um sonho de amor nos Apeninos.
A cidade das flôres e dos poetas,
Das paixões elegantes e discretas,
Das fontes, dos jardins e das duquezas,
Das obras primas e das subtilezas.

É todo um povo amavel que se anima
 E que a amar e a sorrir, da alvorada ao sol posto,
 Faz da Vida uma obra-prima
 De sensibilidade e de bom gôsto...

*(Muita preconceito. Muita falsificação
 poetica misto tudo.)*

Ha guirlandas votivas,
 De acanthos e de louros pelas ruas!
 O Grande Pan voltou! As fórmulas vivas,
 Da Grecia, emergem, fulgidas e nuas!
 Nas casas senhoriaes e nas villas burguezas,
 Toda a gente, animada de surpresas,
 Aprende o homerico idioma,
 Entrem-se de Erasmo e de Boccacio.
 De humanistas e letrados,
 E dos ultimos marmores achados
 Sob a poeira catholica de Roma.

Grecia

Nos belvederes do Arno andam as grandes damas:
 Smeralda, Lucrezia, Simonetta,
 Entre rosas, sorrisos e epigrammas...
 Botticelli olha o céu azul violeta;
 Lê-se Platão nos templos: e eu te vejo,
 Sereno e lindo,
 Deante do «Ponte-Vecchio», num cortejo,

*(V. Ta
 se
 pur
 mlu)*

Dizendo aos principes sonetos de ouro
E Lourenço de Medicis te ouvindo!

Compões ainda com teu genio afoito,
Na fórma antiga que se crystalliza,
Certos versos do século dezoito,
Quando Watteau pintava, em plena primavera,
O «Embarque» para Cythera
E Rousseau escrevia a Nova Heloisa.

Poeta cosmopolita, alma moderna,
Com Lecomte e Banville, em Paris de setenta,
Buscas nas viagens teus motivos de arte,
Fazes o inverno em Nice e o verão em Lucerna
E a tua sombra cyclica se ostenta
Nos salões de Mathilde Bonaparte.

* * *

Na amplitude geral do teu abraço:
— Fóra do Tempo e do Espaço,
Na Humanidade e no Mundo —
Vejo-te sempre presente
Onde ha um homem que sente
Que a vida é um sentimento esplendido e profundo! (1)

(1) Isto é que é absolutamente falso. O que
se viu da vida nas estancias anteriores é
pura boniteza de luxo. Nenhuma dor. Ne-
nhum sacrifício. Ausência de povo.

As almas como a tua a quem n'as fite
Transmittem a emoção da vida soberana.

Seja onde fôr se pode comprehendel-as,
Porque, sem fim, sem patria e sem limite,
Têm no conceito eterno da alma humana
A universalidade das estrellas.
Si a Humanidade fosse feita dellas,
Na duvida em que não cabe
E em que se estreita,
Talvez não fosse mais feliz, quem sabe?
— Mas seria mais bella e mais perfeita...

Dignificaste a Especie, na nobreza
Das grandes sensações de Harmonia e Belleza;
Disseste a Gloria de viver, e, agora,
O teu echo a cantar pelos tempos em fóra,
Dirá aos homens que o melhor destino,
Que o sentido da Vida e o seu arcano,
É a immensa aspiração de ser divino,
No supremo prazer de ser humano!

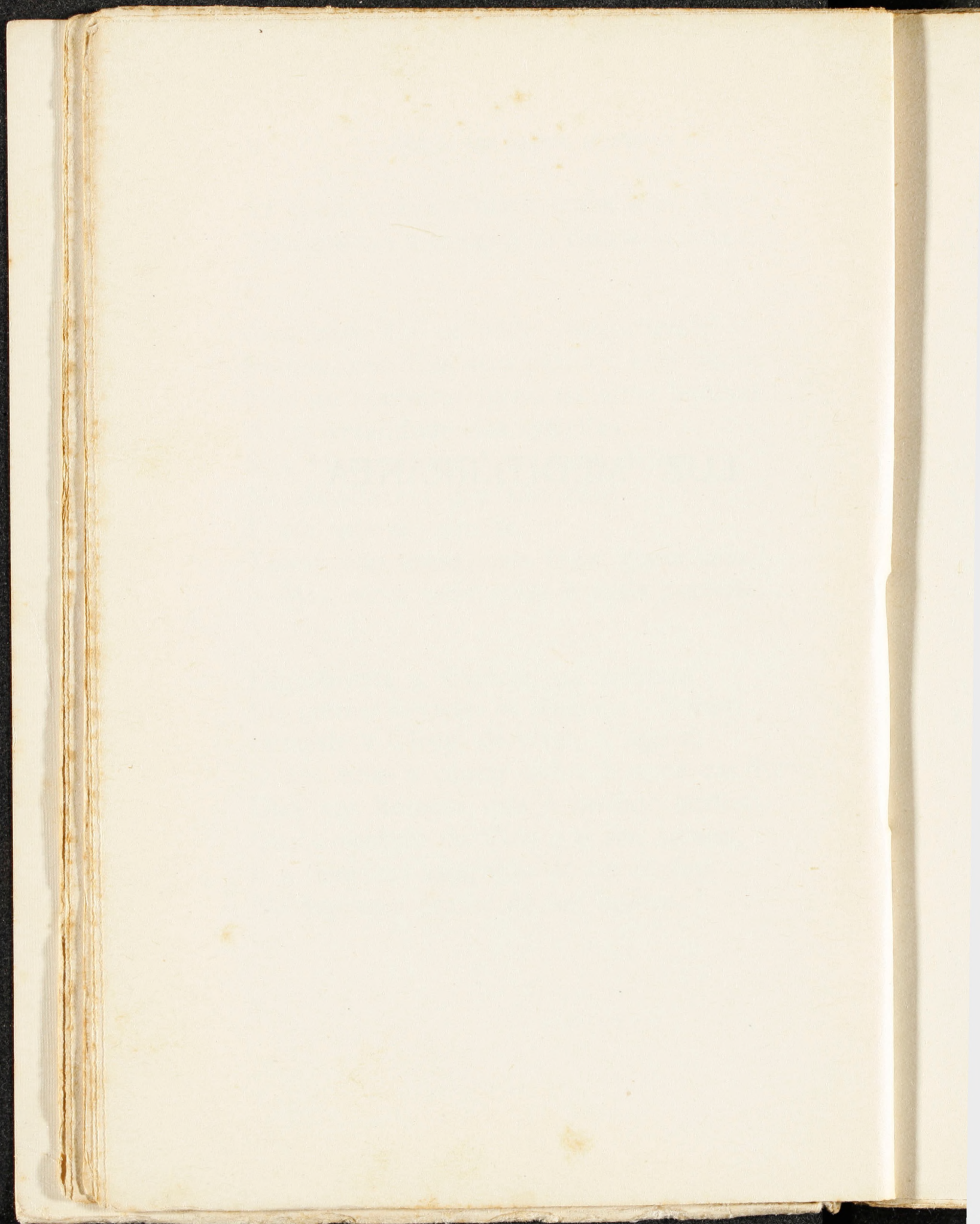
s,
te,
na

e?
ta...

;

a fóra,
no,
o,

LUZ MEDITERRANEA



PORTICO

Alm
Na
Qu
Sou
Ter
E

Ha
To
E
Pa
Co
No

Mo
De
LUZ

PORTICO

Alma de origem attica, pagã,
Nascida sob aquelle firmamento
Que azulou as divinas epopéas,
Sou irmão de Epicuro e de Renan,
Tenho o prazer subtil do pensamento
E a serena elegancia das idéas...

Ha no meu ser crepusculos e auroras,
Todas as selecções do genio aryano,
E a minha sombra amavel e macia
Passa na fuga universal das horas,
Colhendo as flôres do destino humano
Nos jardins athenienses da Ironia...

* * *

Meu pensamento livre, que se achega
De ideologias claras e espontaneas,

É uma suavissima cidade grega,
Cuja memoria
É uma visão esplendida na historia
Das civilizações mediterraneas.

Cidade da Ironia e da Belleza,
Fica na dobra azul de um golfo pensativo,
Entre cintas de praias crystallinas,
Rasgando illuminuras de collinas,
Com a graça ornamental de um chromo vivo:
Banham-n'a antigas aguas delirantes,
Azues, kaleidoscopicas, amenas,
Onde se espelha, em refrações distantes,
O vulto panoramico de Athenas...

Entre os deuses e Socrates assoma
E envolve na amplitude do seu genio
Toda a grandeza grega a que remonto;
Da Hellade dos heróes ao fim de Roma,
Das cidades illustres do Tyrrheno
Ao mysterio das ilhas do Hellesponto...

Cidade de virtudes indulgentes,
Filha da Natureza e da Razão,
— Já eivada da luxuria oriental, —

Ell:
Co:
E v
Bri

No
Ter
Sof
Ma
No
Nu
Ma
Na
Qu

Cic
De:
Ter
E a

Co
A
E

Ella sorri ao Bem, não crê no Mal,
Confia na verdade da Ilusão
E vive na volupia e na sabedoria,
Brincando com as idéas e com as fórmulas...

No passado pensara muito e, até,
Tentara penetrar o mundo das essências,
Soffrera muito nessa luta inútil,
Mas, por fim, foi perdendo a íntima fé
No pensamento, e agora pensa ainda,
Numa serenidade indiferente,
Mas se conforta muito mais, talvez,
Na alegria das bellas apparencias,
Que na contemplação das idéas eternas.

Cidade amavel em que a vida passa,
Desmanchando um collar de reticências:
Tem a alma ironica das decadências
E as crystallizações de um fim de raça...

Conserva na memoria dos sentidos
A expressão das origens seculares,
E entre os seus habitantes ha milhares

Descendentes dos deuses esquecidos;
Que os demais todos têm, inda bem vivo,
Na nobre geometria do seu craneo
O mais puro perfil dólico-louro...

Os deuses da cidade já morreram...
Mas, amando-os ainda, alegremente,
Ella os tem no desejo e na lembrança;
E foi a ella (é grande o seu destino!)
Que Juliano, o Apóstata, expirando,
Mandou a sua ultima esperança
Pela bocca de Amniano Marcellino...

Cidade de harmonias deliciosas
Em que, sorrindo á ronda dos destinos,
Os homens são humanos e divinos
E as mulheres são frescas como as rosas...

Jardins de perspectivas encantadas
— Hermas de faunos nas encruzilhadas —
Abrem ao ouro do sol leques de esguias
Alamedas: ephebos, poetas, sabios
Cruzam-nas, dialogando, suavemente,
Sobre a mais meiga das philosophias,

Fiml
E en

Com
De
No
De
Beb
E fi
Irisa
As
Ton
Gar

Den
Pela
Na
Bail
De
Cop

Na
Do
Que
Son

Fimbrias de taças lesbias entre os labios
E emoções dionysiacas nos olhos....

Como são luminosos seus jardins
De alegres coloridos musicaes!
No florido beiral dos tanques, debruados
De rosas e aloés e anemonas e myrtos,
Bebem pombas branquissimas e castas,
E finamente limpidas e tremulas,
Irisadas, joviaes e transparentes,
As aguas aromaticas, sorrindo,
Tombam da bocca austera dos tritões,
Garganteando furtivos retornellos...

Dentro a moldura em fogo das auroras,
Pelas praias de opala e de ouro, antigas,
Na maciez das areias, em choréas,
Bailam rondas sadias e sonoras
De adolescentes e de raparigas,
Copiando o friso das Panathenéas...

Na orla do mar, seguindo a curva ondeante
Do velho caes esguio e deslumbrante,
Quando o horizonte e o céu, em lusco-fusco,
Somem na porcelana dos occasos,

Silhuetas fugitivas

De lindas cortezãs de Agrigento e de Chypre,
Como a sonhar, olham, perdidamente,
A volta das triremes e das naves,
Que lhes trazem o espirito do Oriente,
Em pedrarias, lendas e perfumes...

Então, ondulam no ar diaphano e fluente
Suavidades idyllicas, acordes
De avenas, cornamusas e ocarinas
Que vêm de longe, da alma branca dos pastores,
Trazidas pelos ventos transmontanos
E espiritualizadas em surdinas...

Terra que ouviu Platão antigamente...
Seu povo espiritual, lyrico e generoso,
Que sorri para o mundo e para os seus segredos,
Não ouve mais o oraculo de Eleusis,
Mas ama ainda, quasi ingenuamente,
A saudade gloriosa dos seus deuses,
Nas canções ancestraes dos citharedos
E nos epithalamios do nascente...

Seus filhos amam todas as idéas,
Na obra dos sabios e nas epopéas,

re,
Nas formas límpidas e nas obscuras,
Procurando nas cousas entendel-as
— Fugas de sentimento e subtileza —
E as entendem na própria natureza,
Ouvindo Homero no rumor das ondas,
Lendo Platão no brilho das estrellas...

Seus poetas, homens fortes e serenos,
Fazem uma arte regia, aguda e fina,
Com a doçura dos últimos hellenos
Estylizada em emphase latina...

E os velhos da cidade, suaves poentes
De radiantes rhetores e sophistas,
Passam, olhando as cousas e as creaturas,
Com piedosos sorrisos indulgentes,
Em que longas renunciás optimistas
Se vão abrindo, entre ironias puras,
Sobre todos os sonhos do Universo...

Revendo-se num seculo submerso,
Meu pensamento, sempre muito humano, ⁶¹
É uma cidade grega decadente,

(*) Isto não me parece absolutamente.

Do tempo de Luciano,
Que, gloriosa e serena,
Sorrindo da palavra nazarena,
Foi desaparecendo lentamente,
No mais suave crepusculo das cousas...

FLORENÇA

M T T S N D C V D E A S A

FLORENÇA

Manhã de outomno...
Través a gaze fluida da neblina,
Teu panorama, tremulo, hesitante,,
Se vae furtivamente desenhando,
Na alva doçura de uma renda fina...

Do florido balcão de San Miniato,
Como num cosmorama imaginario,
Vejo aos poucos despir-se o teu scenario,
Dentro de um serenissimo apparato...

Em tons de madreperola cambiante,
Ao reflexo de um iris fugidio,
Sob o ar transparente e o céu macio,
Abre-se em luz a concha colorida
Do valle do Arno...

Longe onde a nevoa azul se dilue sobre as *linhas*
Amaveis das collinas,
Em caprichosas curvas serpentinadas
De oliveiras em flôr, de olmeiros e de vinhas,
De pinheiros reaes e amendoeiras tranquilladas,
Fiesole, bucolica e galante,
Mostra, n'uma expressão fresca de tintas,
O esmalte senhorial das suas villas
E o chromo pastoril das suas quintas,
Dentro dos bosques do Decameron...

Surgeim zimborios em mosaico, perfis duros
De arrogantes palacios gibelinos,
Silhuetas de basilicas votivas,
Torres mortas e suaves perspectivas
E o colleio longinquo dos teus muros,
Recortando a moldura azul dos Apeninos...

Teus sinos cantam num preludio lento
A elegia das horas immortaes;
É a canção do teu proprio sentimento
Na voz somnambula das cathedraes...

E é, então, que transponho as tuas portas
E ouvindo as tuas ruinas pensativas
Sinto-me em corpo e espirito em Florença:

s linhas
A mais humana das cidades vivas,
A mais divina das cidades mortas!...
Florença, ó meu retiro espiritual!
Suave vinheta do meu pensamento!
Sempre te amei com o mesmo affecto humano
Dês que tu eras a communa guelfa
Idealista, rebelde e sanguinaria,
Até o dia
Em que tua alma, flôr liturgica e sombria
Do espirito christão,
Fugindo do «Jardim das Escripturas»,
Foi, para ver a luz de outras alturas,
Sentar-se no «Banquete de Platão»!

Nobre e amavel Florença!
Doce filha de Christo e de Epicuro!
Flôr de Volupia e de Sabedoria!
Na tua alma de Venus e Maria
Ha uma estranha harmonia ambigua, indescriptivel:
A castidade melancolica dos lyrios
E a graça aphrodisiaca das rosas;
A mansuetude ingenua de Fra Angelico!
E a alegria picante de Boccacio!

Amo-te assim, indefinida e varia!
Casta e viciosa — gothica e pagã,

Harmoniosa entre a Acropole e o Calvario.

Ó Patria serenissima
Das fórmās puras, das idéas claras;
Das igrejas, das fontes, dos jardins;
Dos mosaicos, das rendas, dos brocados;
Dos coloristas limpídos e meigos;
Das almas furta-côr e da graça perversa;
Da discreta esthesia dos requintes;
Dos vícios raros, das perversões elegantes;
Dos venenos subtis e dos punhaes lascivos;
Deliciosa no crime e na virtude,
Onde a existencia foi uma bella attitude
De sensibilidade e de bom-gôsto
E passou pela Historia, assim, na ronda viva
Meditativa e brilhante
De uma «Fête Galante»!...

* * *

Trago-te a minha gratidão latina,
Porque foi no teu seio que se fez
Toda a resurreição da Vida luminosa:
Ó Florença! Florença!
A mais humana das cidades vivas!
A mais divina das cidades mortas!...

io.

es;
os;

va

MACHIAVELICO

Ha horas em que minha alma sente e pensa,
Num tempo nobre que não mais se avista,
Encarnada n'um principe humanista,
Sob o Lyrio Vermelho de Florença.

Vejo-a, então, n'essa historica presença,
Harmoniosa e subtil, sensual e egoista,
Filha do idealismo epicurista,
Formada na moral da Renascença.

Sinto-a, assim, flôr amavel do Hellenismo,
Virtuose — restaurando os velhos mappas
Do genio antigo, entre exegeta e artista.

E ao mesmo tempo, por diletantismo,
Intrigando a politica dos papas,
Com a perfidia elegante de um sophista...

smo,

as

l.

ta...

NOCTURNO

No pa
Sob a

Os pi
Nas a
O arc
Diluir
Espiri
O ar

A ron
Em n
Gemi

Na p
Entre

Wa
boca
nos

NOCTURNO

No parque antigo, a noite era affectuosa e mansa,
Sob a lenda encantada do luar...

Os pinheiros pensavam cousas longas,)) 61
Nas alturas dormentes e desertas...
O aroma nupcial dos jasmims delirantes,
Diluindo um cheiro acre de resinas,
Espiritualizava e adormecia
O ar meigo e silencioso...

A ronda dos espiritos nocturnos,
Em medrosos rumores,
Gemia entre os cyprestes e os loureiros...

Na penumbra dos bosques, o luar
Entreabria clareiras encantadas,

*|| A imagem é bonita mas custou uma
bocado a parecer pra mim. Porque imagens
nos pinheiros brasileiros e não nos europeus...*

Prateando o verde malva das latadas
E as doces perspectivas do pomar...

As nascentes sonhavam, em surdina,
N'uma tonalidade crystallina,
Monotonos murmurinhos,
Gorgolejos de aguas frescas...

Sobre a areia de prata dos caminhos,
A sombra espiritual dos eucalyptos,
Bulindo ao sopro timido da aragem,
Projectava ao luar desenhos indecisos,
Ageis bailados leves de arabescos,
Farandolas de sombras fugitivas...

E das perdidas curvas das estradas,
De paragens distantes,
Como phantasmas de serenatas,
Resonancias somnambulas traziam
A longa, a pungentissima saudade
De cavatinas e mandolinatas...

Lembro-me bem, quando em quando,
Entre as sebes escondidas,

Um in
Roend
Arran

No pa
Sob a
Eu er
A ser
De u
Solita
No n
Com
Passe
No a
Dos

Era a
Que
Da p
No p

Era
E fo
Que
Da

Um insidioso grillo impertinente,
Roendo um som estridente,
Arranhava o silencio...

No parque antigo, a noite era affectuosa e mensa, *la*
Sob a lenda encantada do luar...
Eu era bem creança e, já possuindo
A sensibilidade evocadora
De um poeta de symbolos profundos,
Solitario e commovido,
No minarete do solar paterno,
Com os pequeninos olhos deslumbrados,
Passei a noite inteira, o olhar perdido,
No azul sonoro, o azul profundo, o azul eterno
Dos eternos espaços constellados...

Era a primeira vez que eu contemplava o mundo,
Que eu via face a face o mysterio profundo
Da phantasmagoria universal
No prodigio da noite silenciosa.

Era a primeira vez...
E foi ahi, talvez,
Que começou a historia atormentada
Da minha alma, curiosa dos abysmos,

Inquieta da existencia e doente do Além...
Filha da maldicção do Archanjo rebellado...

Sim, que foi nessa noite, não me engano,
— Noite que nunca mais esquecerei —
Que — a alma ainda em chrysalida, — velando
No minarete do solar paterno,
Deante da noite azul — eu senti e pensei
O meu primeiro soffrimento humano
E o meu primeiro pensamento eterno...

*Primeira
manifestação
humana
do livro.*

Como fóra do Tempo e além do Espaço,
Ser sem principio, espirito sem fim,
Soffria toda a humanidade em mim,
Nessa contemplação imponderavel!

Já nem ouvia o tremulo compasso
Das horas que fugiam pela noite,
Que os olhos soltos pela immensidade,
N'uma melancolia deslumbrada,
Imaginando cousas nunca ditas,
Todo eu me etherizava e me perdia
Na idéa das espheras infinitas,
Na lenda universal das distancias eternas...

*(1) Gato é muito importante de pois das
poemas anteriores que talvez não parem
numa evasão pra falsificações concilia-
tórias e desconcertantes.*

lém...
lado...

No parque antigo, a noite era affectuosa e mansa,
Sob a lenda encantada do luar...

engano,
—
lando

Foi n'essa noite antiga
Que se desencantou para a vertigem
A suave virgindade do meu ser!

nsei
o
o...

Já a lua transmontava as cordilheiras...
Cães ladravam ao longe, em sobresalto;
No pateo das mansões, na granja das herdades,
O cantico dos gallos estalava,
Desoladoramente pelos ares,
Acordando as distancias esquecidas...

paço,

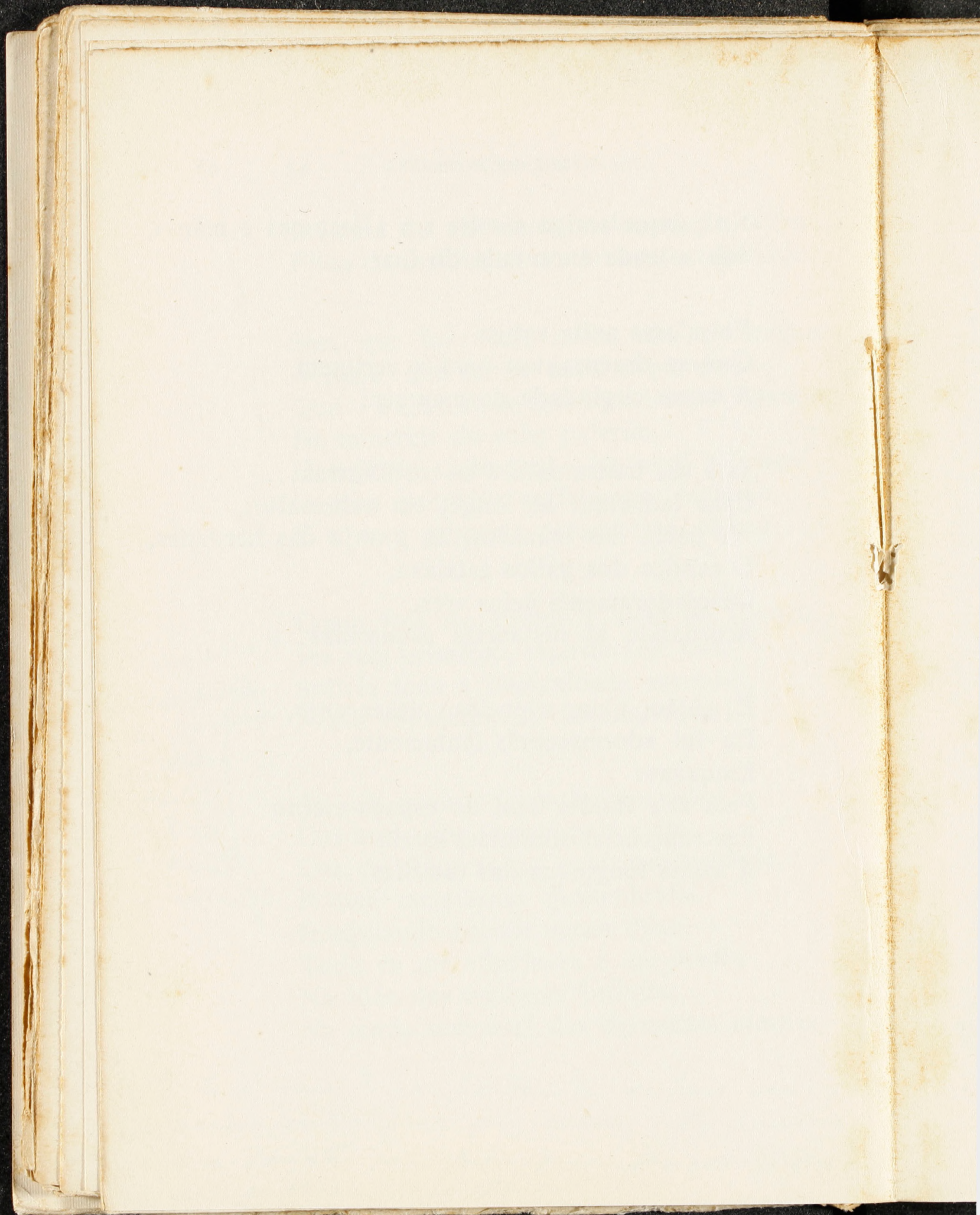
E, então, n'um silencioso desencanto,
Eu fui adormecendo lentamente,
Emquanto
Pela fria fluidez azul do espaço eterno
Em reticencias tremulas, sorria
A ironia longinqua das estrellas...

lindo.
alias
as 3 es-
tancias
finais.

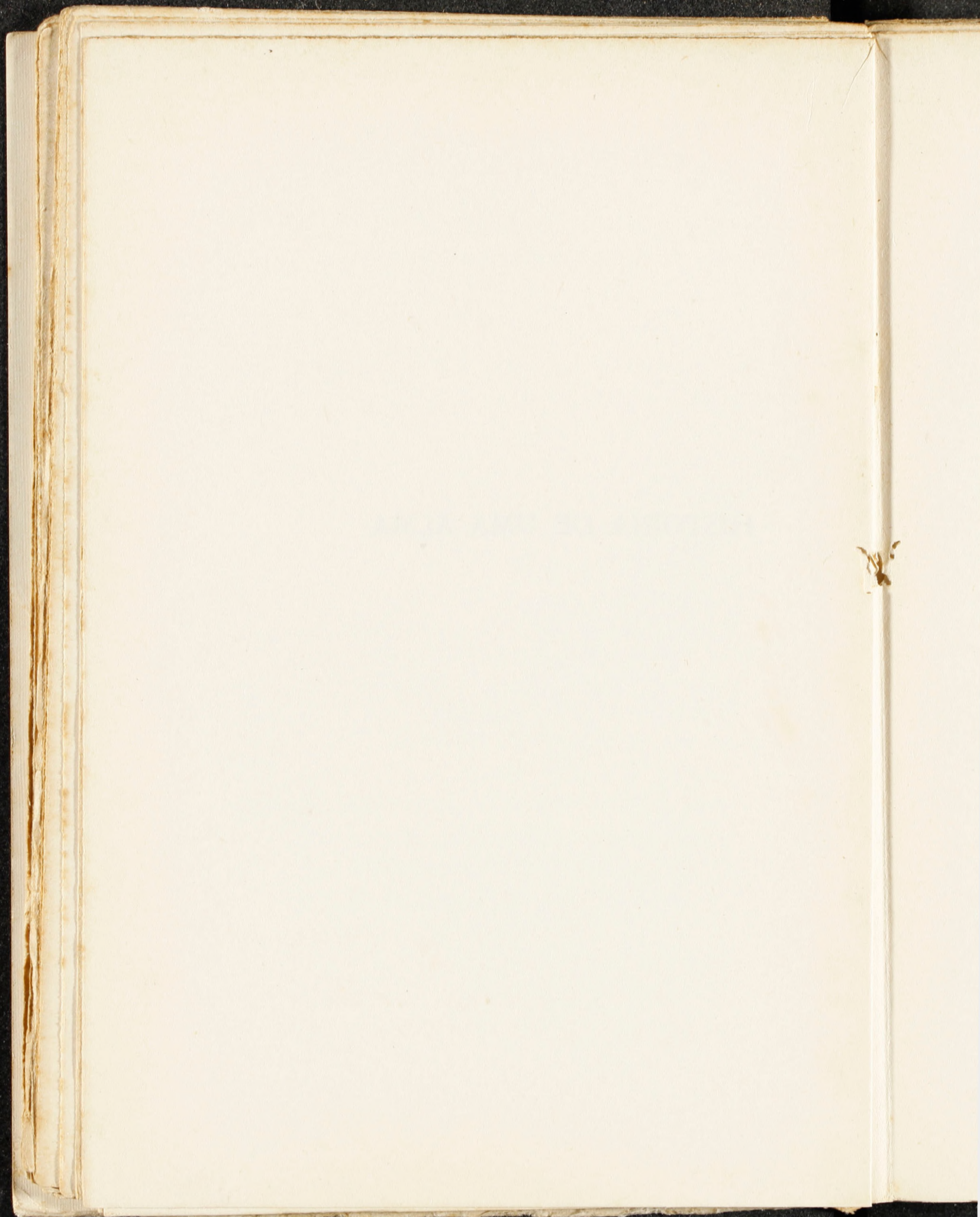
le,

ernas...

lar
aren
ilicã-



HISTORIA DE UMA ALMA



ADOLESCENCIA

Eu era uma alma facil e macia,
Claro e sereno espelho matinal
Que a paisagem das cousas reflectia,
Com a lucidez cantante do crystal.

Tendo os instinctos por philosophia,
Era um ser mansamente natural,
Em cuja meiga ingenuidade havia
Uma alegre intuição universal.

Entretinham-me as ricas tessituras
Das lendas de ouro, cheias de horizontes
E de imaginações maravilhosas.

E eu passava entre as cousas e as criaturas,
Simples como a água lyrica das fontes
E puro como o espirito das rosas...

II

MEPHISTO

Espirito flexível e elegante,
Agil, lascivo, plástico, difuso,
Entre as cousas humanas me conduzo
Como um dextro gymnasta diletante.

Commigo mesmo, cynico e confuso,
Minha vida é um sophisma espiralante;
Teço logicas trefegas e abuso
Do equilibrio na Duvida fluctuante.

Bailarino dos circulos — viciosos,
Faço jogos subtis de idéas no ar,
Entre saltos brilhantes e mortaes,

Com a mesma petulancia singular
Dos grandes acrobatas audaciosos
E dos malabaristas de punhaes...

A
E
T
QJ
T
P
E

III

CONFUSÃO

Alma estranha esta que abrigo,
Esta que o Acaso me deu,
Tem tantas almas consigo,
Que eu nem sei bem quem sou eu.

Jamais na Vida consigo
Ter de mim o que é só meu;
Para supremo castigo,
Eu sou meu proprio Protheu.

De instante a instante, a me olhar,
Sinto, num pesar profundo,
A alma a mudar... a mudar...

Parece que estão, assim,
Todas as almas do Mundo,
Lutando dentro de mim...

har,

IV

SERENIDADE

Feriram-te, alma simples e illudida.
Sobre os teus labios dóceis a desgraça
Aos poucos esvaziou a sua taça
E soffreste sem tregua e sem guarida.

Entretanto, á surpresa de quem passa,
Ainda e sempre, conservas para a Vida,
A flôr de um idealismo, a ingenua graça
De uma grande innocencia distrahida.

A concha azul envolta na cilada
Das algas más, ferida entre os rochedos,
Rolou nas convulsões do mar profundo;

Mas inda assim, polluida e atormentada,
Occultando purissimos segredos,
Guarda o sonho das perolas no fundo.

FELICIDADE

Sombra
De infi
E, na c
Quanto

A Alma
Em que
Ês som
Como 1

I

Sombra do nosso Sonho ousado e vão!
De infinitas imagens irradias
E, na dança da tua projecção,
Quanto mais cresces, mais te distancias...

A Alma te vê á luz da posição
Em que fica entre as cousas e entre os dias:
Ês sombra e, reflectindo-te, varias,
Como todas as sombras, pelo chão...

O Homem não te attingiu na vida instavel
Porque te embaraçou na filigrana
De um ideal metaphysico e divino;

E te busca na selva impraticavel,
Ó Bella Adormecida da alma humana!
Trevo de quatro folhas do Destino!...

cavel

u!

...

II

Basta saberes que és feliz, e então
Já o serás na verdade muito menos:
Na arvore amarga da Meditação,
A sombra é triste e os fructos têm venenos.

Si és feliz e o não sabes, tens na mão
O maior bem entre os mais bens terrenos
E chegaste á suprema aspiração,
Que deslumbra os philosophos serenos.

Felicidade... Sombra que só vejo,
Longe do Pensamento e do Desejo,
Surdinando harmonias e sorrindo,

Nessa tranquilidade distrahida,
Que as almas simples sentem pela Vida,
Sem mesmo perceber que estão sentindo...

Poente
Alongo
Essas e
Soluçam

Assim e
Suggere
Todas a
De todo

CREPUSCULAR

Poente no meu jardim... O olhar profundo
Alongo sobre as arvores vazias,
Essas em cujo espirito infecundo
Soluçam silenciosas agonias.

Assim estereis, mansas e sombrias,
Suggerem á emoção com que as circumdo
Todas as dolorosas utopias
De todos os philosophos do mundo.

Suggerem... Seus destinos são vizinhos:
Ambas, não dando fructos, abrem ninhos
Ao viandante exanime que as olhe.

Ninhos, onde vencidas de fadiga,
A alma ingenua dos pássaros se abriga
E a tristeza dos homens se recolhe...

os:
hos

iga

HISTORIA ANTIGA

No meu grande optimismo de innocente,
Eu nunca soube porque foi... um dia,
Ella me olhou indifferentemente,
Perguntei-lhe porque era... Não sabia...

Desde então, transformou-se, de repente,
A nossa intimidade correntia
Em saudações de simples cortezia
E a vida foi andando para a frente...

Nunca mais nos fallamos... vae distante...
Mas, quando a vejo, ha sempre um vago instante,
Em que seu mudo olhar no meu repousa,

E eu sinto, sem no emtanto comprehendel-a,
Que ella tenta dizer-me qualquer cousa,
Mas que é tarde demais para dizel-a...

nte,

ARTISTA

Por um destino acima do teu Ser,
Tens que buscar nas cousas inconscientes
Um sentido harmonioso, o alto prazer
Que se esconde entre as fórmulas apparentes.

Sempre o achas, mas ao tel-o em teu poder
Nem n'ó pões na tua alma, nem n'ó sentes
Na tua vida, e o levas, sem saber,
Ao sonho de outras almas differentes...

Vives humilde e inda ao morrer ignoras
O Ideal que achaste... (Ingratidão das musas!)
Mas não faz mal, meu bombix innocente:

Fia na primavera, entre as amoras,
A tua sêda de ouro, que nem usas
Mas que faz tanto bem a tanta gente...

Nunca n
E em m
Plantei,
Uma lir

Era a n
Cresceu.
Pendeu
E foi fr

as!)

INGRATIDÃO

Nunca mais me esqueci!... Eu era criança
E em meu velho quintal, ao sol—nascente,
Plantei, com a minha mão ingenua e mansa,
Uma linda amendoeira adolescente.

Era a mais rutila e íntima esperança...
Cresceu... cresceu... e, aos poucos, suavemente,
Pendeu os ramos sobre um muro em frente
E foi fructificar na vizinhança...

D'ahi por deante, pela vida inteira,
Todas as grandes arvores que em minhas
Terras, n'um sonho esplendido semeio,

Como aquella magnifica amendoeira,
Efflorescem nas chacaras vizinhas
E vão dar fructos no pomar alheio...

Esgu
Na h
És,
A re

Tua
Leva
Bem
O es
Luz M

minhas
meio,

a,

...

TORRE MORTA DO OCCASO

Esguia torre ascetica, esquecida
Na bruma de um crepusculo profundo!
Ês, no mais triste symbolo do mundo,
A renuncia tristissima da Vida!

Tua existencia é um pensamento fundo
Levantado na pedra adormecida:
Bem sentes quanto é inutil e infecundo
O esforço na vertigem da subida!...

Como és prophetica de longe... quando,
Na moldura do poente de ouro e rosa,
Interpretando todos os destinos,

Vaes por todos os ventos espalhando
Tua philosophia dolorosa,
Na ballada somnambula dos sinos!...

MELANCOLIA

Poe
Est
Nun
No
Est
Tan
Ros
Leit
Em
E q
Por
Dei
Esf
Na
Sob
Ah!

MELANCOLIA

Poente!

Estas horas que estão passando, surdamente,
Nunca mais voltarão no tempo imaginario:

No jardim solitario,

Estão-se desfolhando, ingloriamente,

Tantas rosas divinas, a sonhar;

Rosas que poderiam debruar

Leitos de fadas, em guirlandas luminosas,

Emmoldurar cabeças de poetas

E que jamais florescerão ante os meus olhos...

Por que, então,

Deixal-as, n'uma morte inutil e secreta

Esfolharem-se, assim, anonymas e virgens,

Na sombra do jardim

Sobre a tarde serena?!...

Ah! si eu fosse colhel-as para mim!...

Não vale a pena!

* * *

Poente!

Estas horas que estão passando surdamente
Nunca mais voltarão no tempo imaginario!
Na sombra do meu ser profundo e solitario
Tantas idéas limpidas, bailando,
Estão dizendo cousas infinitas...
Idéas que seriam minha historia,
Minha immortalidade, minha gloria,
E que por certo eu nunca mais encontrarei...
Por que, então,
Vel-as morrer, assim, sem voz, sem serem ditas ? !...
Ah! si eu as animasse em palavras, eternas,
De uma vida magnifica e serena!...

Não vale a pena!

te
o
...

E O POETA FALLOU...

Afin
Nes
Fui

Fui
Fui
Fui

Dei
Inte
As f

Acon
Na s

E O POETA FALOU...

Afinal, tudo que ha de mais nobre e mais puro
Neste mundo de sombras e apparencias
Fui eu quem revelou ou concebeu...

Fui a primeira luz neste planeta obscuro!
Fui a suprema voz de todas as consciencias!
Fui o mais alto intérprete de Deus!

Dei alma á Natureza indifferente,
Intelligencia ás cousas, sentimentos
Ás forças cegas e automaticas do Còsmos!...

Acompanhei e dirigi os povos
Na sua eterna migração para o Poente;

Levantei os primeiros monumentos
E os primeiros imperios millenarios:
Teci as grandes lendas tutelares,
Despertei na memoria das creaturas
A sua antiga tradição divina,
Creando as religiões, as fabulas, os mythos
Para illudir a dôr universal;
Abri os horizontes infinitos;
Bebi o nectar das primeiras taças;
Plasmei os altos symbolos humanos.
Subtilizei o instincto e imaginei o amor;
Fui a força ideal das civilizações!
O genio transfigurador da Historia!
O espirito anonymo dos seculos!
E, harmonioso, prophetico, profundo,
Passei humanizando as cousas pelo mundo,
Para divinizar os homens sobre a Terra!

OS

o,

SATIRA

Tam
Inter
Leva
— C
Vam
Pelo
Noss

Lilli
Os a
Diab
Forn
Baila
Imag
Insid
Ao p

SATIRA

Tambem nós, seres raros, de divinas
Intenções e humanissimas virtudes,
Levando os nossos sonhos para a frente,
— Com a nossa intima luz desconhecida —
Vamos fazendo quotidianamente,
Pelo mundo das almas pequeninas,
Nossas «Viagens de Gulliver» na Vida.

Lilliput... em farandolas grotescas
Os anõesinhos trêfegos, damnhinhos,
Diabolicos fantoches hilariantes,
Formigando nas estradas,
Bailando pelos caminhos,
Imaginam ridiculas ciladas,
Insidiosas e inuteis emboscadas,
Ao passo distrahido e immenso dos gigantes...

Elles passam... seu vulto enche os espaços,
E toda Lilliput alvoroçada,
— Simples despeitos de anão —
Erguendo em gestos mãos todos os braços,
Deita improperios, maldicções, ameaças,
Mas elles vão e vêm e vêm e vão,
Num desprezo triumphal,
Com essa tolerancia azul das grandes raças,
Tão ironicamente e mansamente,
Que os coitados pygmeus, não lhes tocando
Sequer o calcanhar, contentam-se, afinal,
Com pisar-lhes a sombra indifferente...

A calumnia do anão, pisar as sombras!...

«Porque será, então, que tudo é tão pequeno
Nessa cidadezinha universal?!
As paisagens, as almas, o ideal,
As figuras, a vida, os sentimentos?!»

E, assim pensando, com piedade e com doçura,
Os gigantes, de espirito sereno,
Vão passando, sorrindo, e repassando
Por essa humanidade em miniatura...

Sim,
Que
Run
Por
Ter
Nes

s, Sim, porque é mesmo assim e sempre foi assim:
Quem vai pelo mysterio das estradas,
Rumo ao paiz dos deuses e das fadas,
s, Por mais que evite ou que lute,
Tem de sempre passar por Lilliput,
Nessas «Viagens de Gulliver» da Vida...

s,
lo
no

Desce
Sobre
Uma h
Embal

Longe,
Abençó
Andam
Na pe

LUZ MED

A HORA CINZENTA...

Desce um longo poente de elegia
Sobre as mansas paisagens resignadas;
Uma humanissima melancolia
Embalsama as distancias desoladas...

Longe, num sino antigo, a Ave-Maria
Abençôa a alma ingenua das estradas;
Andam surdinas de anjos e de fadas,
Na penumbra nostalgica, macia...

Espiritualidades commoventes
Sobem da terra triste, em reticencia,
Pela tarde somnambula, imprecisa...

Os sentidos se esfumam, a alma é essencia,
E entre fugas de sombras transcendentas,
O Pensamento se volatiliza...

N
O
E
A

C
S
P
H

ncia,
es,

PRUDENCIA

Não aprofundes nunca, nem pesquises
O segredo das almas que procuras:
Ellas guardam surpresas infelizes
A quem lhes desce ás convulsões obscuras.

Contenta-te com amal-as, se as bemdizes,
Se te parecem limpidas e puras,
Pois se, ás vezes, nos fructos ha doçuras,
Ha sempre um gosto amargo nas raizes...

Trata-as assim, como si fossem rosas,
Mas não despertes o sabor selvagem
Que lhes dorme nas petalas tranquillias,

Lembra-te dessas flores venenosas!
As abelhas cortejam de passagem,
Mas não ousam proval-as nem feril-as...

Nã
Un
Po
En

Oll
Qu
O
A

AOS QUE SONHAM

Não se pode sonhar impunemente
Um grande sonho pelo mundo afóra,
Porque o veneno humano não demora
Em corrompel-o na intima semente...

Olhando no alto a arvore excellente,
Que os fructos de ouro esplendidos enflora,
O Sonhador não vê, e até ignora
A cilada rasteira da Serpente.

Queres sonhar? Defende-te em segredo,
E lembra, a cada instante e a cada dia,
O que sempre acontece e aconteceu:

Prometheu e o abutre no rochedo,
O Calvario do Filho de Maria
E a cicuta que Socrates bebeu!

Quan
Do te
Do te
Entre

Faze
Fecha
Mas
Ao m

PUDOR

Quando fôres sentindo que o fulgor
Do teu Ser se corrompe e a adolescencia
Do teu genio desmaia e perde a côr,
Entre penumbras em deliquescencia,

Faze a tua sagrada penitencia,
Fecha-te num silencio superior,
Mas não mostres a tua decadencia
Ao mundo que assistiu teu esplendor!

Foge de tudo para o teu nadir!
Poupa ao prazer dos homens o teu drama!
Que é mesmo triste para os olhos ver

E assistir, sobre o mesmo panorama,
A alegoria matinal subir
E a ronda dos crepusculos descer...

ma!

UNIDADE

Deitando os olhos sobre a perspectiva
Das cousas, surprehendo em cada qual
Uma simples imagem fugitiva
Da infinita harmonia universal.

Uma revelação vaga e parcial
De tudo existe em cada cousa viva:
Na corrente do Bem ou na do Mal
Tudo tem uma vida evocativa.

Nada é inutil; dos homens aos insectos
Vão-se extendendo todos os aspectos
Que a idéa da existencia pode ter;

E o que deslumbra o olhar é perceber
Em todos esses seres incompletos,
A completa noção de um mesmo ser...

O
Pa
Le
De

As
E
Vo
Nã

LEGENDA DOS DIAS

O Homem desperta e sae cada alvorada
Para o acaso das cousas... e, á saída,
Leva uma crença vaga, indefinida,
De achar o Ideal n'alguma encruzilhada ...

As horas morrem sobre as horas... Nada!
E ao Poente, o Homem, com a sombra recolhida,
Volta, pensando: «Si o Ideal da Vida
Não veio hoje, virá na outra jornada...»

Hontem, hoje, amanhã, depois, e, assim,
Mais elle avança, mais distante é o fim,
Mais se afasta o horizonte pela esphera;

E a Vida passa... ephemera e vazia:
Um adiamento eterno que se espera,
N'uma eterna esperança que se adia...

Gl
Da
Ma
Ma

Pu
Qu
De
Da

n,
,
;
.

INSTINCTO

Gloria ao Instincto, a logica fatal
Das cousas, lei eterna da criação,
Mais sabia que o ascetismo de Pascal,
Mais bella do que o sonho de Platão!

Pura sabedoria natural
Que move os seres pelo coração,
Dentro da formidavel illusão,
Da phantasmagoria universal!

És a minha verdade, e a ti entrego,
Ao teu sereno fatalismo cego
A minha linda e tragica innocencia!

Ó soberano interprete de tudo,
Invencivel Oedipo, eterno e mudo
De todas as esphinges da Existencia!...

...

PLATONICO...

As idéas são seres superiores,
— Almas reconditas de sensitivas —
Cheias de intimidades fugitivas,
De escrúpulos, melindres e pudores

Por onde andares e por onde fôres,
Cuidado com essas flôres pensativas,
Que têm pollen, perfume, órgãos e côres
E soffrem mais que as outras cousas vivas.

Colhe-as na solidão... são obras-primas,
Que vieram de outros tempos e outros climas
Para os jardins de tua alma que transponho,

Para com ellas teceres, na subida,
A corôa votiva do teu Sonho
E a legenda imperial da tua Vida.

Scher
N'um
O Sy
Que

Trans
Na tu
As M
E a e
LUZ ME

IMAGINAÇÃO

Scherazada do espirito, que rendas
N'um fio ideal de verosimilhança
O Symbolo e a Illusão, unicas prendas
Que nos vieram dos deuses como herança !

Transformando em alhambras nossas tendas,
Na tua voz o nosso olhar alcança
As Mil e uma Noites da Esperança
E a esphera azul dos sonhos e das lendas !

Quando o despeito da Realidade
Nos fere, és quem de novo nos persuade,
Com teu consolo que nem sempre engana.

Porque, na tua esplendida eloquencia,
És o sexto sentido da Existencia
E a memoria divina da alma humana!

e,
ana.

!

SINCERIDADE

Ho
Si
Tu
Cr
Fa
Na

Ha
Pe
Pe
Fl
Po
Er
Ac
Pa
Id

SINCERIDADE

Homem que pensas e que dizes o que pensas !
Si queres que entre os homens e entre as cousas
Tuas idéas vivam pelo mundo
Crê bem nellas primeiro, soffre-as bem,
Faze com que ellas vivam na tua alma,
Na mais sincera intimidade do teu Ser !

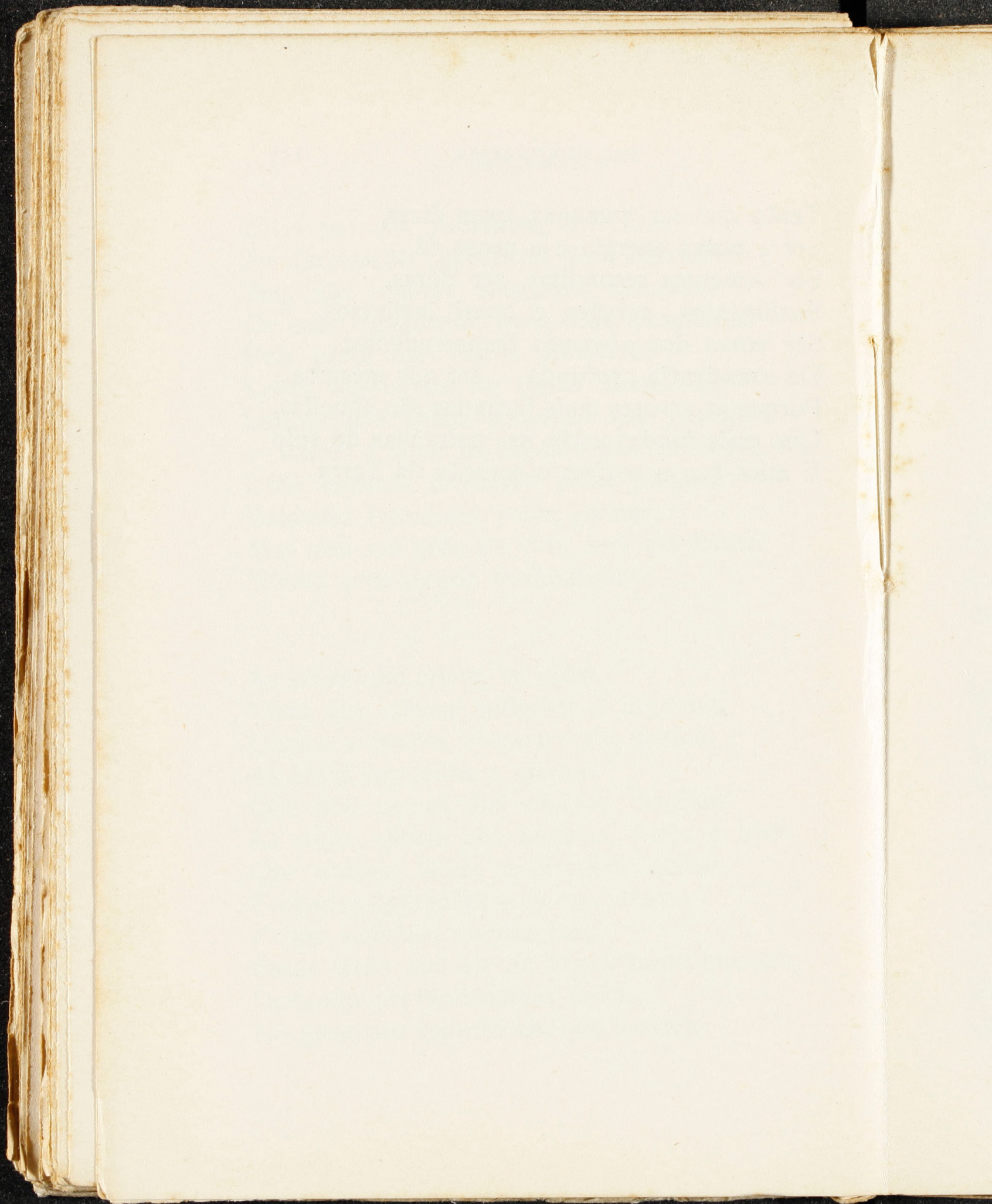
Ha idéas que na vida cultivamos,
Pela volupia inutil de pensar,
Pela simples belleza, pela graça
Floral, pelo prazer que ellas nos dão...
Por esse estado de illusão chineza
Em que nos adormecem a consciencia :
Aquarellas ephemerass do espirito,
Paisagens meigas da imaginação,
Idéas lindas que não criam nada !

Ellas passam, radiantes, coloridas,
Na flutuação superficial do Pensamento ;
Sim, são plantas aquaticas, nelumbos
De ouro equatorial, nymphéas encantadas
Pela prata dos luares sedativos,
Leves vegetações de tintas luminosas,
Sonhos das aguas tremulas que passam
— Raizes a boiar no espelho das correntes, —
Com musicas de côres pelas plumas,
Vaidades femininas pelas palmas,
Mas sem um grão de vida, sem um fructo,
N'essa esterilidade deslumbrante...

As idéas que criam, as idéas
Vivas que elevam religiões e imperios,
Genios e heróes e martyres e santos;
As idéas organicas e eternas
Que dão nomes aos seculos, destinos
Às raças, gloria aos homens, força á Vida,
Que nutrem almas e orientam povos,
Fecundam gerações e geram deuses
E que semeiam civilizações,
Essas terão que vir da nossa fonte humana,
Deitando profundissimas raizes
No generoso espirito em que nasçam:

Terã
Ser
Ser
Sent
Ser
Da c
Porc
Que
E m

Terão que ser humanas, quer dizer,
Ser a nossa energia e a nossa fé,
Ser sementes reconditas, ser dôres,
Sentimentos, paixões e quasi instinctos.
Ser vozes dos abysmos transcendentos
Da consciencia profunda... ser nós mesmos...
Porque as arvores mais fecundas são aquellas,
Que mais fundas estão nas entranhas do solo
E mais fazem soffrer o coração da Terra....



ARVORE DE NATAL

Ta
De
E
Na

Ac
Ch
In
M
V
So

N
C
C
Q

ARVORE DE NATAL

Tarde! Estou muito triste, triste assim
De uma tristeza immovel e vazia...
E uma ronda de creanças esfuzia
Na aquarella chineza do jardim..

Aos poucos a farandola leviana,
Chega-se a mim, cerca-me ousadamente :
Inquietas larvasinhas de alma humana,
Mysteriosos destinos em semente,
Vêm parar a meus pés depois — meigas violetas,
Sob a sombra de uma arvore doente.

Não tenho nada para dar-lhes, sou
Como um pinheiro contemplativo,
Cujos ramos dolentes não têm fructos
Que ha muito um vento cruel os arrancou...

Mas ellas pedem qualquer cousa e eu me commovo.
Eu tenho tanta pena das creanças !
Ellas são todo o mundo a começar de novo
Para as mesmas incertas caminhadas,
Para o mysterio das encruzilhadas ;
São toda a Humanidade que renasce,
Ingenua, simples e maravilhada,
Como a primeira vez que appareceu.

E, então (isso é dos santos e dos sabios)
Penduro na tristeza dos meus labios
Cousas alegres que não são minhas ;
Fabulas mansas, contos de fadas,
Historias de anjos e rainhas
E uma porção de cousas encantadas,
Que vou distribuindo pelo bando...

E á tarde que se vae lentamente apagando,
Na aquarella chineza do jardim,
Semeando alegrias e esperanças —
Minha tristeza é assim uma piedosa e linda
Arvore de Natal entre as creanças...

VO

FORÇA MALDITA

lo,

da

Eras fraco e feliz, sem meditar,
E na tua consciencia vaga e obscura,
A vida, sob um luar de illuminura,
Era um conto de fadas para o olhar.

Um dia, um rude e perfido avatar
Vestiu-te de uma força ingrata e impura
E sonhaste a cyclopica aventura
De o espirito das cousas penetrar.

Mas, ah ! homem ingenuo, desde quando
Deste o primeiro passo da escalada,
Foste, como um tristissimo Samsão,

Na furia da tua obra desgraçada,
Estremecendo, aluindo, derrubando
As columnas do Templo da Illusão !...

Nó
Va
Sei
—

En
De
Qu
A

VIVENDO...

Nós, incautos e ephemeros passantes,
Vaidosas sombras desorientadas,
Sem mesmo olhar o rumo das passadas,
—Vamos andando para fins distantes..

Então, subtis, envolvem-nos ciladas
De pequenos acasos insconstantes,
Que vão desviando, a todos os instantes
A linha leviana das estradas...

Um dia, todo o fim a que chegamos,
Vem de um nada fortuito, entretecido
Nas surpresas das horas em que vamos...

Para adeante ! ó ingenuos peregrinos !
Foi sempre por um passo distraído
Que começaram todos os destinos...

S...

CANÇÃO DE TODOS



CANÇÃO DE TODOS

Duas almas debes ter...
É um conselho dos mais sabios ;
Uma, no fundo do Ser,
Outra, boiando nos labios !

Uma, para os circumstantes,
Sôlta nas palavras nuas
Que inutilmente profêres,
Entre sorrisos e acenos :
A alma voluvel das ruas,
Que a gente mostra aos passantes,
Larga nas mãos das mulheres,
Agita nos torvelinhos,
Distribue pelos caminhos
E gasta, sem mais nem menos,

Nas estradas erradias,
Pelas horas, pelos dias...

Alma anonyma e usual,
Longe do Bem e do Mal,
Que não é má nem é boa,
Mas, simplesmente, illusoria,
Agil, subtil, diluida,
Moeda falsa da Vida,
Que vale só porque sôa,
Que compra os homens e a gloria
E a vaidade que rebôa :
Alma que se enche e transborda,
Que não tem porquê nem quando,
Que não pensa e não recorda,
Não ama, não crê, não sente,
Mas vai vivendo e passando
No turbilhão da torrente,
Través intrincadas teias,
Sem prazeres e sem maguas,
Fugitiva como as aguas,
Ingrata como as areias.

Alma que passa entre apôdos
Ou entre abraços, sorrindo ;

Que vem e vae, vae e vem,
Que tudo emprestas a todos,
Mas não pertence a ninguém.

Salamandra furta-côr,
Que muda ao menor rumor
Das folhas pelas devesas ;
Alma que nunca se exprime,
Que é uma caixa de surpresas
Nas mãos dos homens prudentes ;
Alma que é talvez um crime,
Mas que é uma grande defesa.

A outra alma, perola rara,
Dentro da concha tranquilla,
Profunda, eterna e tão cara
Que poucos podem possuil-a,

É alma que nas entranhas
Da tua Vida murmura
Quando paras e repousas.
A que assiste das Montanhas
As livres desenvolturas

Do panorama das cousas
Para melhor conhecel-as.
Essa que olha as creaturas,
Sem jamais compromettel-as,
Entre perdões e doçuras,
N'um pudor silencioso,
Com o mesmo olhar generoso,
Com que contempla as estrellas
E assiste o sonho das flôres...

Alma que é apenas tua,
Que não te trahe nem te engana,
Que nunca se desvirtua,
Que é a voz do Mundo em surdina,
Que é a semente divina
Da tua tempera humana.

Alma que só se descobre
No mundo contemplativo,
Para uma lagrima nobre,
Para um heroismo affectivo,
Nas intimas confidencias
De verdade e de belleza :
Milagre da natureza,

Tra
N'u
De
Ora
Ora

For
Que
Gua
O c

Alm
De
A 1
Das
A l
Da
Que
No

Alm
Que
Sob

Transcorrendo em reticencias
N'um sonho limpido e honesto,
De idealidade suprema,
Ora, afluorando num gesto,
Ora, subindo num poema

Fonte do Sonho, jazida
Que se esconde aos garimpeiros,
Guardando, em fundos esteiros,
O ouro da tua Vida.

Alma de santo e pastor,
De heróe, de martyr e de homem ;
A redempção interior
Das forças que te consomem,
A legenda e o pedestal
Da aspiração infinita
Que se aprofunda e se agita
No teu ser universal.

Alma profunda e sombria,
Que ao fechar-se cada dia,
Sob o silencio fecundo

Das horas graves e calmas,
Te ensina a philosophia
Que descobriu pelo mundo,
Que aprendeu nas outras almas

Duas almas tão diversas
Como o poente das auroras :
Uma, que passa nas horas;
Outra, que fica no tempo.

SUPERSTIÇÃO?

As aln
Em qu
Sua in
N'uma

Vêde
Pelos
Foram
De alg
Ha no
Influen
Contag
Frias
Adorm

SUPERSTIÇÃO

As almas, como as flôres, no logar
Em que viveram deixam, longamente,
Sua intima essencia errando no ar,
N'uma vaga fluidez reminiscente...

Vêde essas velhas casas que, a passar
Pelos olhos do tempo indifferente,
Foram o serenissimo ambiente
De alguma longa historia familiar !...
Ha no seu genio obscuro, mysteriosas
Influencias humanas, insensíveis
Contagios de alma que não percebemos,
Frias fatalidades traiçoeiras
Adormecidas no silencio antigo...

Exhalam do segredo das entranhas
Forças subtis e sugestões estranhas
Que nos descem ao fundo dos sentidos
E se vão infiltrando, lentamente,
Na alma dos visitantes distraídos...

Ao lhes transpormos as sombrias portas,
Nunca sabemos o que nos espera
Nesses tristes jardins de sombras mortas
— Phantasmas de uma antiga primavera...

Dentro tudo morreu... mas, presa a um fio
Intangível,
Uma vida phantastica, invisível
Vive em essencia no ar somnanbulo e vazio...

As almas, como as flôres, no logar
Em que viveram deixam, longamente,
A sua exalação errando no ar,
N'uma vaga fluidez reminiscente...

A ALI

as,
tas
a...

um fio

azio...

,

A ALMA DAS COUSAS SOMOS NÓS...

De
Da
Ma
Na
Nu

Sim
Qu
O
Qu
Qu
E,

Es
To

A ALMA DAS COUSAS SOMOS NÓS...

Dentro do eterno giro universal
Das cousas, tudo vae e volta á alma da gente,
Mas, se n'esse vaivem tudo parece igual
Nada mais, na verdade,
Nunca mais se repete exactamente...

Sim, as cousas são sempre as mesmas na corrente
Que nol-as leva e traz, n'um circulo fatal ;
O que varia é o espirito que as sente
Que é imperceptivelmente desigual,
Que sempre as vive differentemente,
E, assim, a vida é sempre inedita, afinal...

Estados de alma em fuga pelas horas,
Tons esquivos e tremulos, nuanças

Susceptiveis, subtis, que fogem no Iris
Da sensibilidade furta-côr...

E a nossa alma é a expressão fugitiva das cousas
E a vida somos nós, que sempre somos outros !...

Homem inquieto e vão que não repousas !
Para e escuta :
Si as cousas têm espirito, nós somos
Esse espirito ephemero das cousas,
Voluvel e diverso,
Variando, instante a instante, intimamente,
E eternamente,
Dentro da indiferença do Universo !...

Alma
Crês
Quan
Form

Move
Por o
Não o
Que f

LUZ ME

as !

e,

PARA A VERTIGEM !

Alma, em teu delirante desalinho,
Crês que te moves espontaneamente,
Quando és na Vida um simples rodamoinho,
Formado dos encontros da torrente !

Moves-te porque ficas no caminho
Por onde as cousas passam, diariamente :
Não é o Moinho que anda, é a agua corrente
Que faz, passando, circular o Moinho ...

Por isso, debes sempre conservar-te
Nas confluencias do Mundo errante e vario,
Entre forças que vêm de toda parte.

Do contrario, serás, no isolamento,
A espiral, cujo giro imaginario
É apenas a Illusão do Movimento !...

DO MEU EVANGELHO

ario,

Para
Das
Cheio
É pro
Escap
E vo

Procu
E viv
Te un.
As id
São a
No e

DO MEU EVANGELHO

Para possuires a philosophia
Das cousas, como um sceptico risonho,
Cheio de uma bondade commovida,
É preciso que tenhas algum dia
Escapado da Vida para o sonho
E voltado do sonho para a vida.

* * *

Procura o espaço livre e as macias alfombras
E vive sem pensar ! Basta que o Sentimento
Te una á Vida e a renove, quando em quando...
As idéas enganam como as sombras,
São as sombras das cousas fluctuando
No espelho movel do teu pensamento !...

* * *

Pratica os teus sentidos nobremente
Na sensação das cousas bellas e harmoniosas,
E, assim, educarás melhor uma alma linda,
Parecida com tudo que sentires !

* * *

Porque este desespero de que falas ?
Si não crês bem nas cousas, nem descrês,
Ama-as embora, porque o teu prazer
Lhes dará a mais viva das verdades !
Não é preciso crer nas cousas, basta amal-as,
Sendo que amar é muito mais que crer...

* * *

Cada alma, sem sentir e sem querer,
Fia através dos dias, urde, tece
O seu destino — a inextricavel teia!
Vive, faz e desfaz, passa e se esquece...
Mas os fructos que colhe em sua messe
São bem filhos dos germens que semeia...

A al
Na
Que
N'u
Já r
Estr
Que
São

Teu
— S
Na
Con
Estã
Na
O g
E o

Escu
Esp

* * *

A alma da gente muda tanto nesta vida,
Na sua historia escripta sobre a areia,
Que um dia, ao recordar-se de si mesma,
N'uma hora esquecida,
Já nem se reconhece mais e sente,
Estranhamente,
Que tudo aquillo que ella está lembrando,
São as recordações de uma alma alheia !...

* * *

Teu horoscopo está em ti, seja onde fôr
— Sem que o saibas e o pesquises —
Na sombra do teu ser mais intimo e interior,
Como, presos ao solo aspero e bruto,
Estão bem dentro da alma das sementes,
Na natureza eterna das raizes,
O gôsto original de cada fructo
E o perfume subtil de cada flôr...

* * *

Escuta : Pelo bem que tu fizeres,
Espera todo o mal que não farias !

Essa é a mais triste das philosophias
Que aprendi entre os homens e as mulheres !

* * *

Queres saber minha historia ?
Não n'a tenho na memoria ...
Não tem fim, não teve fundo :
É a lenda da Humanidade,
É a propria historia do Mundo !...

es !

GAYA SCIENCIA

Acto
— H
Sei
Das
E, c
Fui
Das
Eter

Soff
Pens
Tod
E en
Do
No

GAYA SCIENCIA

Actor e espectador do drama humano,
— Homem, Filho do Bem, Filho do Mal —
Sei de tudo, desci ao fundo amargo
Das idéas, das cousas, das creaturas,
E, dentro da tragedia universal,
Fui anjo, fui reptil e o vôo largo
Das aguias suspendi pelas alturas
Eternas das idéas infinitas.

Soffri as leis humanas e divinas...
Pensei, senti, vivi profundamente
Todas as grandes realidades vivas
E encontrei as verdades crystallinas
Do universo visível e aparente
No coração das horas fugitivas...

Nada escapou á minha penetrante
Impressão da Existencia. Vivi tudo !...
E tudo que eu vivi, do claro ao mysterioso,
Foi distillado na palheta latejante
E passou pelo philtro intimo e mudo
De um alto pensamento generoso.

Despindo as fórmulas leves e vaidosas,
Rasgando as superficies illusorias,
A minha alma alongou suas raizes
Insinuantes, subtis, silenciosas
Pelas intimidades infelizes
De tudo quanto viu dentro da Vida.

E cresceu, floresceu, sorvendo gotta a gotta
Essa seiva de fel, acida e ingrata
Que ha no fundo sombrio das Verdades
E dentro dos seus fructos coloridos,
Que um meigo vento lyrico desata,
Ainda ha vivos venenos diluidos,
Que o puro azul dos céos serenos ameniza.

Sei de tudo ! Conheço a vida a fundo !
Sei o que quer dizer uma existencia humana !...

O n
Con

Enti
Che
Eu
Leva
Sent
É o

O meu sereno ser já não se engana
Com cousa alguma dentro deste mundo !

Entretanto, não sei . . . cada manhã que nasce,
Cheia de virgindade e adolescencia,
Eu saio para a Vida,
Levando uma alma nova e um sorriso na face,
Sentindo, vagamente, que esse dia
É o meu primeiro dia de existencia...

Sê na
Do t
Como
Toda

O qu
Aspir
É me
Quere

EXHORTAÇÃO

Sê na Vida a expressão limpida e exacta
Do teu temperamento, homem prudente ;
Como a arvore espontanea que retrata
Todas as qualidades da semente !

O que te infelicitá é sempre a ingrata
Aspiração de uma alma differente,
É meditares tua forma innata,
Querendo transformal-a, de repente !

Deixa-te ser!... e vive distrahido
Do enigma eterno sobre que repousas,
Sem nunca interpretar o seu sentido!

E terás, de harmonia com tua alma,
Essa felicidade ingenua e calma,
Que é a tendencia recondita das cousas!...

Tudo
Sobre
Ouve
Com

Inter
Do t
Porq
N'un

LUZ M.

EGOCENTRISMO

Tudo que te disserem sobre a Vida,
Sobre o destino humano, que fluctua,
Ouve e medita bem, mas continua
Com a mesma alma liberta e distrahida !

Interpreta a existencia com a medida
Do teu Ser! (a verdade é uma obra tua!)
Porque em cada alma o Mundo se insinua,
N'uma nova Illusão desconhecida.

Vae pelos proprios passos, n'um assomo
De quem procura por si proprio o fundo
Da eterna sensação que as cousas têm !

Existe, em summa, por ti mesmo, como
Si antes da tua sombra sobre o Mundo
Não houvera existido mais ninguem !...

Tú
O c
Too
Sob

Não
Da
A v
Qu

SABEDORIA

Tú que vives e passas, sem saber
O que é a vida nem porque é, que ignoras
Todos os fins e que, pensando, choras
Sobre o mysterio do teu proprio Ser,

Não soffras mais á espera das auroras
Da suprema verdade a apparecer :
A verdade das cousas é o prazer
Que ellas nos possam dar á flôr das horas...

Essa outra que desejas, si ella existe,
Deve ser muito fria e quasi triste,
Sem a graça encantada da incerteza...

Vê que a Vida afinal, — sombras, vaidades, —
É bella, é louca e bella, e que a Belleza
É a mais generosa das verdades...

...
O
Un
E

Se
N'
A
E

...ET OMNIA VANITAS...

...E vive assim... Como philosophia
O Prazer, como glorias e esperanças
Uma vida espontanea e correntia
E um gesto ironico ao que não alcanças !

Seja a vida um punhado de horas mansas,
N'uma felicidade fugidia :
A piedosa illusão de cada dia
E o bailado de sombras das lembranças.

Ama as cousas inteis ! Sonha ! A Vida...
Viste que a Vida é uma apparencia vaga
E todo o immenso sonho que semeias,

Uma legenda de ouro, distrahida,
Que a ironia das aguas lê e apaga,
Na memoria voluvel das areias !...

Ironia
Miragem
Impossivel
D'esperanza
Que se apaga
Mu...
Ed...
Ironia
És
O
O

IRONIA !

Ironia ! Ironia !
Minha consolação ! Minha philosophia !
Imponderavel máscara discreta
D'essa infinita duvida secreta,
Que é a tragedia recondita do ser !
Muita gente não te ha de comprehende.
E dirá que és renuncia e covardia !
Ironia ! Ironia !
És a minha attitude commovida :
O amor-proprio do Espirito, sorrindo !
O pudor da Razão deante da Vida !

Re
Qu
De
Da

In
To
Pe
Qu

A ULTIMA CANÇÃO DO HOMEM...

Rei da Creação, por mim mesmo acclamado,
Quiz, vencendo o Destino, ser o Rei
De todo esse Universo illimitado
Das idéas que nunca alcançarei...

Intelligencia... esse anjo rebellado
Tombou sem ter sabido a eterna lei :
Pensei demais e, agora, apenas sei
Que tudo que eu pensei estava errado..

De tudo, então, ficou somente em mim
O pavor tenebroso de pensar,
Porque as idéas nunca tinham fim...

Que mais resta da furia mallograda?
Um bailado de phrases a cantar...
A vaidade das formas... e mais nada...

— C
Que
sent
enco

— S
Das
Do
Sof
Tu

DIALOGO FINAL

— Como são lindos os teus grandes versos !
Que colorido humano ! que profundo
sentido e que harmonia generosa
encerram, nos seus symbolos diversos !...

-- Sim, mas para fazel-os fui ao fundo
Das cousas, nessa Via-Dolorosa
Do Pensamento, que no fim é sempre triste.
Soffri muito entre os sêres infelizes...
Tu não sabes de nada... tu não viste...

-- Não, nunca imaginei o que me dizes...
Mas teus versos me fazem tanto bem,
São tão bellos! de fórmulas tão luxuosas!...

— É isso mesmo!... É a beleza ironica que vem
Da amargura invisível das raízes,
Para dar a vaidade ephemera das rosas...

...
!....
n
s...

POEMAS INACABADOS

Son
Che
O F
A b

Um
entr
n'ur
na c

CHRISTIANISMO

Sonho um christianismo singular
Cheio de amor divino e de prazer humano;
O Horto de Maguas sob um céu virgiliano,
A beatitude com mais luz e com mais ar...

Um pequeno mosteiro em meio de um pomar,
entre loureiros-rosa e vinhas de todo o anno,
n'um mysticismo lyrico, a sonhar
na orla florida e azul de um lago italiano...

Um christianismo sem renuncia e sem martyrios,
Sem a pureza melancolica dos lyrios,
temperado na graça natural...

Christianismo de bom-humor, que não existe,
Onde a Tristeza fosse um peccado venial,
Onde a Virtude não precisasse ser triste...

xiste,
al,
....

DECADENCIA

Afinal, é o costume de viver
que nos faz ir vivendo para a frente
nenhuma outra intenção, mas, simplesmente
o habito melancolico de ser...

Vae-se vivendo... é o vicio de viver...
e se esse vicio dá qualquer prazer á gente,
como todo prazer vicioso é triste e doente,
porque o Vicio é a doença do Prazer...

Vae-se vivendo... vive-se demais,
e um dia chega em que tudo que somos
é apenas a saudade do que fomos...

Vae-se vivendo... e muitas vezes nem sentimos
que somos sombras, que já não somos mais nada
Do que os sobreviventes de nós mesmos!...

«ALM

Alma
de u
nellas
que a

Dese
onde
deixa
de do

...
«ALMAS DESOLADORAMENTE FRIAS...»

Almas desoladoramente frias
de uma aridez tristissima de areia,
nellas não vingam essas suaves poesias
que a alma das cousas, ao passar, semeia...

Desesperadoramente estereis e sombrias
onde passam (triste aura que as rodeia!)
deixam uma atmospherá amarga, cheia
de desencantos e melancolias ...

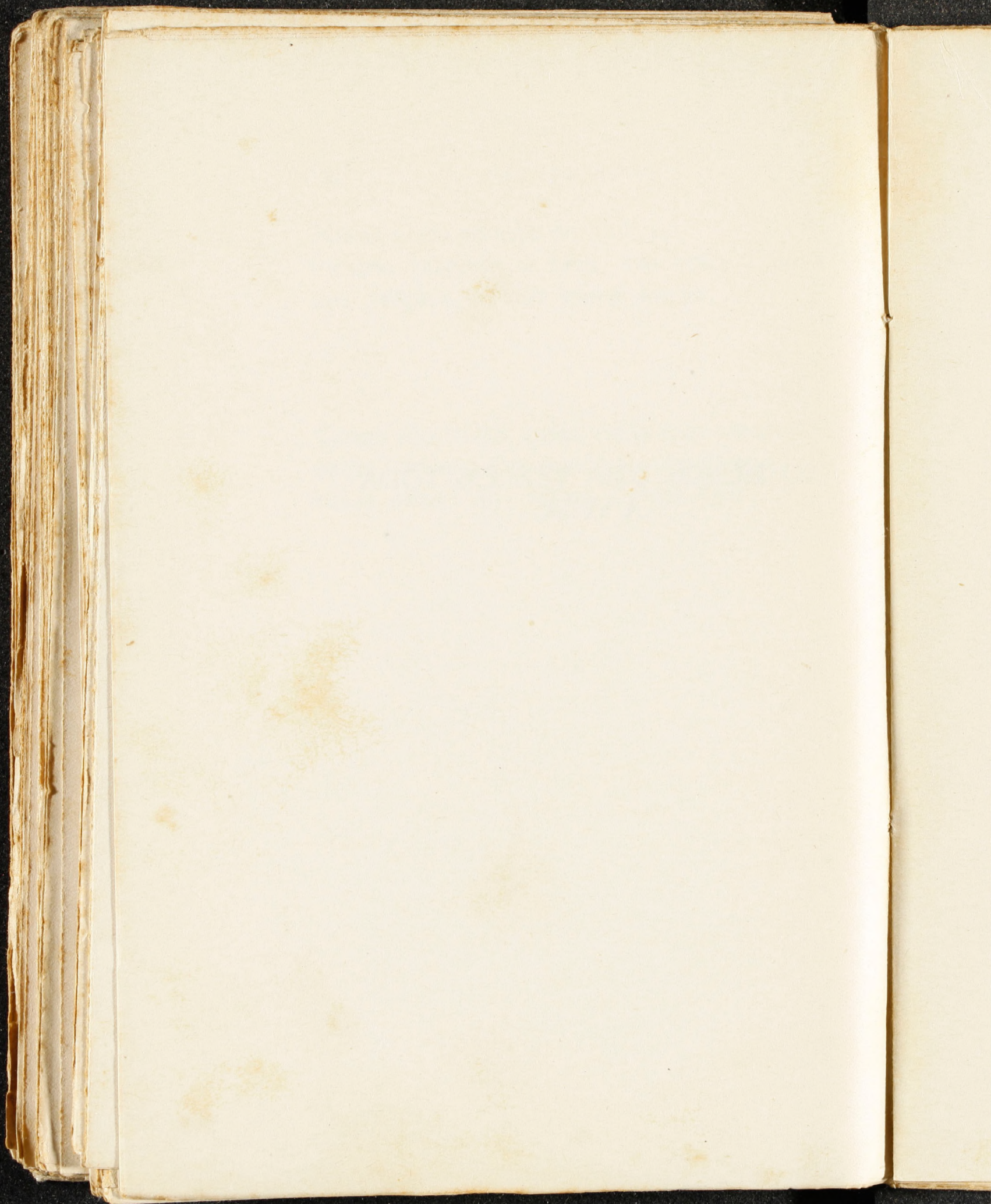
Nessa árida rudeza de rochedo,
mesmo fazendo o bem, sua mão é pesada,
sua própria virtude mette medo...

Como são tristes essas vidas sem amor,
essas sombras que nunca amaram nada,
essas almas que nunca deram flôr...

AC

pesada,

AO MENOS UMA VEZ EM TODA
A VIDA



AO MENOS UMA VEZ EM TODA A VIDA

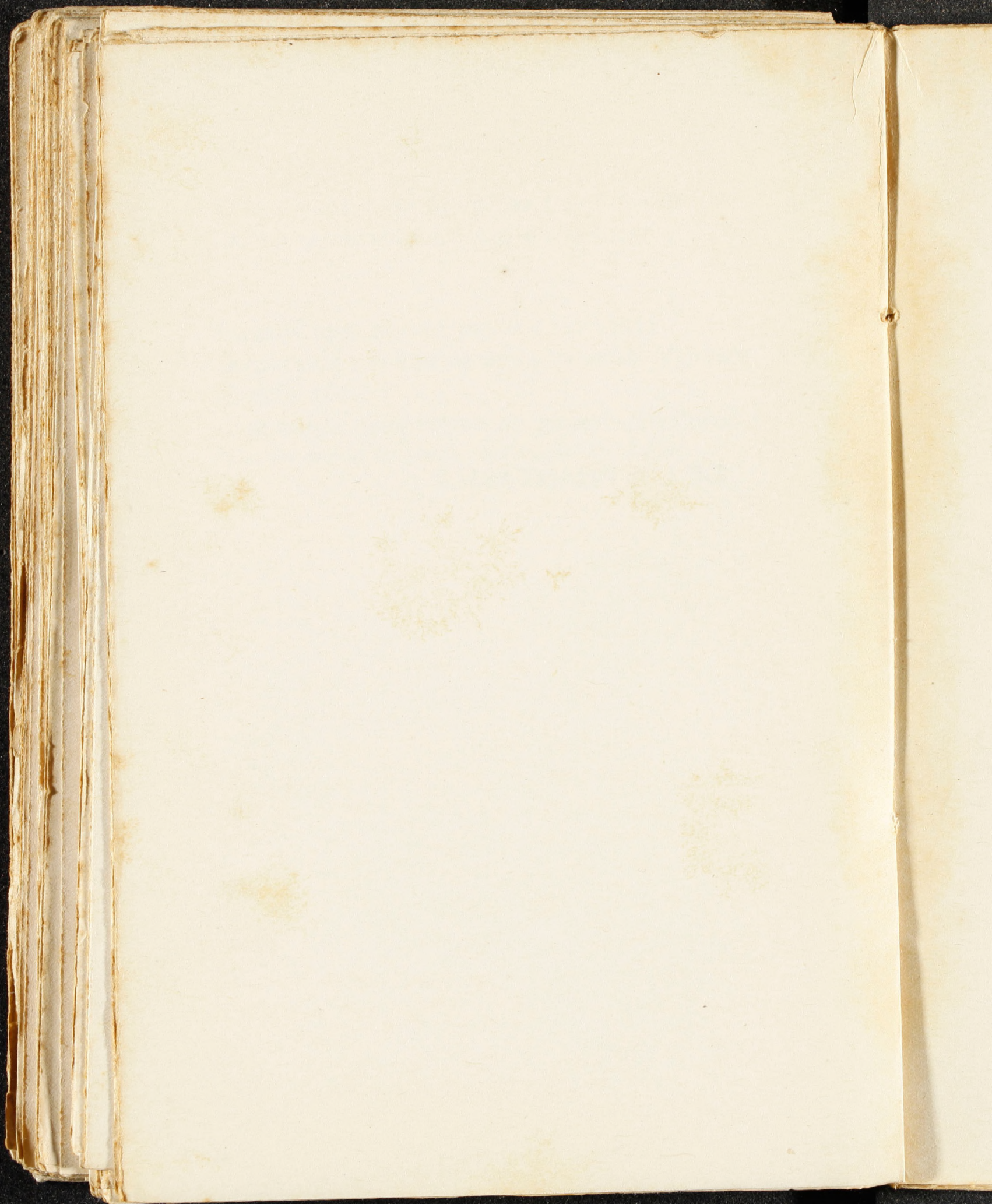
Ao menos uma vez em toda a vida
A Verdade passou pela alma de cada homem...
Passou muito alto, muito vaga, muito longe,
Como os phantasmas, que mal chegam, somem,
Passou em sombra, num reflexo fugidio,
Foi a sombra de um vôo reflectida
No espelho da agua tremula de um rio...

Sombra de um vôo na agua tremula: Verdade!
Passou uma só vez em toda a vida
E sempre dessa vez a alma dos homens
Estava distrahida,
E não reconheceu na sombra desse vôo
A ave ideal que planava no alto azul...
Quando volveu os olhos para a altura
ella já ia desaparecendo...

D'ella nada ficou no olhar triste dos homens,
nem a lembrança de seu vulto incerto...

Passou uma só vez em toda a vida!
Sombra de um vôo na agua tremula: Verdade!
E esse vôo,
Que nunca mais voltou no mesmo céu deserto,
Nem ao menos deixou a sombra dentro d'agua...

DE UM PHANTASMA



DE UM PHANTASMA

Na minha vida fluida de phantasma
Sou tão leve que quasi nem me sinto.
Nem ha nada mais leve nem tão leve.
Sou mais leve do que a euphoria de um anjo,
Mais leve do que a sombra de uma sombra
Reflectida no espelho da Illusão.

Nenhuma brutal lei do Universo sensivel
actua e pesa e nem de longe influe
sobre o meu ser vago, diffuso, esquivo
e no ether serenissimo fluctuo
com a doce subtileza imponderavel
de uma essencia ideal que se volatiliza...

Passo através das cousas mais sensiveis
e as cousas que atravesso nem me sentem,

porque na minha plástica subtil
tenho a delicadeza transcendente
da luz, que flue través os corpos transparentes.
Sou quasi immaterial como uma idéa...

E da materia cosmica que tem
tantos e variadissimos estados
eu sou o estado-alma, quer dizer
o ultimo estado rarefeito, o estado ideal:
Alma, o estado divino da materia!...

INDICE

INDICE

Advertencia	7
Prefacio de Rodrigo M. F. de Andrade.....	9
Ode a um poeta morto.....	17

LUZ MEDITERRANEA:

Portico	31
Florença	41
Machiavelico	47
Nocturno	49
Historia de uma alma.....	57
Adolescencia	59
Mephisto	61
Confusão	63
Serenidade	65
Felicidade	67
Crepuscular	73
Historia Antiga.....	75
Artista	77
Ingratidão	79
Torre Morta do Occaso.....	81
Melancolia	83
E o Poeta Fallou.....	87
Satira	91

A E
 Pruc
 Aos
 Pud
 Unio
 Leg
 Inst
 Plat
 Ima
 Sinc
 Arvo
 Forç
 Vive
 Can
 Sup
 A A
 Para
 Do
 Gay
 Exh
 Ego
 Sab
 Et C
 Iron
 A u
 Dial

 Chri
 Deca
 "Alr
 Ao
 De

A Hora Cinzenta.....	97
Prudencia	99
Aos que sonham.....	101
Pudor.	103
Unidade	105
Legenda dos dias.....	107
Instincto	109
Platonico	111
Imaginação	113
Sinceridade	115
Arvore de Natal.....	121
Força Maldita.....	125
Vivendo	127
Canção de Todos.....	129
Superstição ?	137
A Alma das Cousas somos Nós.....	141
Para a Vertigem !.....	145
Do meu Evangelho.....	147
Gaya Sciencia.....	153
Exhortação	159
Egocentrismo.	161
Sabedoria	163
Et Omnia Vanitas.....	165
Ironia !	167
A ultima Canção do Homem.....	169
Dialogo Final.....	171

POEMAS INACABADOS:

Christianismo	175
Decadencia	177
"Almas desoladoramente frias".....	179
Ao menos uma vez em toda a vida.....	181
De um Phantasma.....	185

rlcs
t.



COMPOSTO E IMPRESSO NA
TYPOGRAPHIA DO
ANUARIO DO BRASIL
R. D. MANOEL, 62 — RIO DE JANEIRO
EM JUNHO DE 1928.

ULTIMAS EDIÇÕES
DO ANNUARIO DO BRASIL

Historia do Brasil — Rocha Pombo — publicados os tomos I a XIII — Cada	5\$000
A Margem da Historia da Republica Colombo (Tres estudos) — Vicente L. Cardoso	10\$000
Affirmações e Commentarios — Vicente L. Cardoso	3\$000
Seara de Emoção — Wellington Brandão	6\$000
Epigrammas ironicos e sentimentaes — Ronald de Carvalho — 2. ^a ed.	4\$000
Os Olhos da Alma (Romance) — D. Virginia Castro e Almeida	5\$000
A Longa Estrada — Ranulpho Prata	3\$000
A Liberdade dos Mares — Amilcar Marchesini	5\$000
O Lyrio na Torrente (Romance) — Ranulpho Prata	6\$000
O Canto da Sereia (Romance) — D. João de Castro	5\$000
O Retrato de Dorian Gray — Oscar Wilde	6\$000
Estudos — Tristão de Athayde	6\$000
Poesias completas de A. Gonçalves Dias	9\$000